O AMAZONAS.

BREVE RESPOSTA Á MEMORIA

DO

TENENTE DA ARMADA AMERICANA-INGLEZA F. MAURY

SOBRE AS VANTAGENS DA LIVRE NAVEGAÇÃO DO AMAZONAS.

PELO

DR. JOÃO BAPTISTA DE CASTRO MORAES ANTAS.

João Martins Ribeiro
LIVREIRO
RIO DE JANEIRO
RUA GENERAL CAMARA 327

RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA DE M. BARRETO

RUA DA QUITANDA N. 55.

1854.

Sr. redactor do *Correio Mercantil*.—Acaba Vm. de publicar no seu jornal a memoria escripta pelo tenente da armada americana F. Maury, na qual descreve as vantagens que podem resultar da livre navegação do Amazonas, revelando ao mesmo tempo as vistas politicas e commerciaes, se não do governo americano, ao menos de alguns cidadãos dessa republica. A leitura attenta desse importante trabalho, em que são empregadas as forças de um estylo romantico, e a seducção que produz a expectativa de se adquirirem facil e rapidamente riquezas incalculaveis, não póde deixar de suggerir ao coração brasileiro o mais vivo desejo de antepor a razão á imaginação, de mostrar aos Americanos do Norte e aos cidadãos das republicas vizinhas o que ha de inexacto, de especioso, de illusorio e de pouco razoavel na sobredita memoria.

Em minha opinião, seria preciso, tomada a memoria do Sr. Maury na mais séria consideração, analysar cada uma de suas proposições capitaes, entrar na discussão do direito que se póde ter para impor-se á força a felicidade ao Perú, á Bolivia e ao Brasil; seria preciso chamar a attenção do mundo civilisado para esse systema de conquista por absorpção, que começa a caracterisar alguns espiritos nos Estados-Unidos do Norte. Esta tarefa é superior aos recursos de minha fraca intelligencia. Mas como ao lado da seducção do estylo elegante e pittoresco, empregado na redacção da memoria, se encontrão inexactidões de que tenho conhecimento, como o tenente Maury possuido de um pensamento, a seu ver patriotico, não só acolheu sem criterio informações exageradas, como até deixou de oppor madura reflexão a considerações suas e alheias, que o levárão a apregoar como faceis o proximos resultados que só se poderão conseguir á custa de grandes esforços e perseverança, posso debaixo deste ponto de vista, fazer alguma cousa, apontando muitos enganos, muitos erros (em materia de geographia e de estatistica brasileira), restabelecendo a verdade de muitos factos, e oppondo alguns reparos ao que me parece mais digno disso.

Estive por tres annos na provincia de Matto-Grosso, com que largamente se occupa o Sr. Maury: não é para mim desconhecido o seu solo, nem o são as suas producções e riquezas. Estive outro tanto tempo na provincia de Goyaz, de que tambem se occupa o escriptor norte-americano. Tive no desempenho de uma commissão de exploração de rios occasião de apresentar alguns trabalhos; e nunca o meu desejo sincero de ser util á meu paiz, de corresponder á confiança do governo imperial, e de adquirir a estima dos meus concidadãos, me deixou pintar bellezas onde as não havia, nem inculcar facilidades onde achei difficuldades. Infelizmente o Sr. Maury, versado na lição dos escriptos de viajantes que a respeito do Brasil teem sido tão injustos, e mesmo ingratos, quanto exagerados e inexactos, diz em diversos capitulos cousas inteiramente falsas, em inteira contradicção com o que se acha por mim escripto em peças officiaes, que existem na secretaria do imperio e na da presidencia de Goyaz. Tal é a força que, vencendo a resistencia opposta por minha justa timidez, decidiu-me a emprehender a redacção de uma breve resposta ao escripto do Sr. Maury.

Ora, como Vm. publicou no seu jornal esse importante trabalho, tomo a liberdade de pedir-lhe que offereça a seus leitores o ligeiro contraste que lhe anteponho.

Rio de Janeiro, 20 de dezembro de 1853.

Dr. João Baptista de Castro Moraes Antas.

P. S.

A' proporção que avançava na redacção de meu pequeno trabalho, apparecêrão diversos artigos em resposta á memoria do Sr. tenente Maury. Esta circumstancia me teria feito desistir da empreza a que me dedicára nas poucas horas que me deixa o exercicio de um emprego laborioso, se não tivesse reflectido que esses artigos, escriptos por habeis pennas, nem prejudicão o plano de minha resposta, nem enfraquecem os argumentos de que me sirvo.

O AMAZONAS.

BREVE RESPOSTA Á MEMORIA

DO

TENENTE DA ARMADA AMERICANA-INGLEZA F. MAURY

sobre as vantagens da livre navegação do Amazonas.

CAPITULO I.

Benevolencia dos Brasileiros para com os Americanos do norte. —Falta de reciprocidade do cidadão norte-americano F. Maury. —Causas donde resulta a formação dos rios Prata e Amazonas. —Conducta do Brasil na questão de navegação fluvial. —Censura injusta.

Todo aquelle que tiver acompanhado attentamente os trabalhos e as discussões da imprensa e da tribuna brasileira, nos 32 annos que contamos de existencia como nação livre e independente, ha de por certo recordar-se de que ainda nas epoças de exaltamento, nos tempos em que se tem abusado da liberdade de imprensa, não appareceu entre nós uma penna, que, em vistas de popularisar-se, offendesse a nação norte-americana, ou sequer a seu governo. Muito pelo contrario os poucos partidistas do regimen democratico trazião sempre para exemplo de prosperidade, e como modelo digno de cópia, a republica de lingua ingleza. Os apostolos do principio monarchico-representativo combattêrão sempre as doutrinas oppostas, negando a paridade de circumstancias e de habilitações dos dous povos para serem regidos pelo mesmo systema. Uns e outros, escriptores ultra-liberaes e os monarchistas, e com elles os seus oradores na tribuna, jámais soltárão uma phrase, um pensamento hostil á nação norte-americana, nem ainda a seu governo. Essa moderação, essa prudente reserva era resultado não só da pouca attenção que restava a um povo seriamente occupado na tarefa de sua constituição interna, como tambem da consideração que nos merecem os paizes bem governados e prosperos.

Parecia de justiça que a nosso respeito se procedesse, neste ponto, com inteira reciprocidade; todavia o escripto que ultimamente apparece do Sr. F. Maury, cidadão norte-americano, demonstra que lhe não merecemos essa justa reciprocidade. Ao passo que começamos a adquirir a estima e consideração da Europa civilisada, pela generosidade de nosso proceder para com as republicas do Prata, pelos serviços que prestámos a essas republicas, e até ao commercio europeu e americano-inglez; ao passo que nos esforçamos para acompanhar a nações cultas no seu movimento de prosperidade, que para isso procuramos braços livres, offerecen-

do-lhes nossas terras, e com ellas a partilha na liberdade e n'outros bens de que gozamos; ao passo que se manifesta em nosso paiz a mais decidida benevolencia, e até predilecção pelo povo norte-americano; o Sr. tenente Maury emprega os recursos de sua intelligencia de um modo que nos acarretaria graves difficuldades, se as opiniões que nutre, e que sustenta calorosamente, chegassem a influir sobre a marcha dos gabinetes de Washington, ou ainda mesmo sobre a dos governos da Bolivia e do Perú.

O homem desprevenido, o homem perfeitamente neutral, como póde sê-lo nesta questão o Francez, o Austriaco, o Inglez e o Sueco, ha de ver no espirito que ditou o trabalho do Sr F. Maury a ambição de distinguir-se em sua patria, dando os primeiros passos que talvez julgue conducentes a que uma grande parte do imperio do Brasil venha a ser em um dia por ella absorvida. E' verdade que o Sr. Maury começa a sua memoria pela pacifica proposição: « A politica do commercio, e não a da conquista, é a politica dos Estados-Unidos. »

E' verdade que na conclusão o Sr. Maury declara que a empreza de sua predilecção não deve ser obtida pela violencia, nem pelo braço armado do poder, mas sim pela sciencia com suas luzes, pela diplomacia com sua habilidade, pelo commercio com sua influencia, pela paz com suas bençãos. Mas estas asserções lisongeiras, mormente as ultimas, depois de se nos fazer o processo por fracos, negligentes e aferrados ao systema japonez; depois de se qualificar o governo do Brasil de cego pela cobiça de ouro e dos diamantes, ao mesmo tempo que se procura indispo-lo com o de nações amigas, dizendo-se que logrou a republica peruana; essas asserções lisongeiras, depois de se recordar a maneira por que foi conseguida a navegação na foz do Mississipi, e o procedimento havido com o Japão por amor do commercio com a China, não tem sufficiente garantia de sinceridade, para que se possa acreditar em que as vistas do nosso gratuito accusador são pacificas.

Se forão sinceros os desejos de ver franqueada a navegação do Amazonas ao commercio de todas as nações, sem quebra da soberania e integridade do Brasil, não teria o Sr. Maury, se a causa que esposou é justa, não teria nos grandes recursos de sua intelligencia os meios necessarios para provocar uma discussão calma e reflectida, interessante e vasta, sem offender os Brasileiros e seu governo, sem procurar como que difficultar o bom exito dos trabalhos de nossa diplomacia, esforçando-se por fazer crer que não queremos a navegação, e que só aspiramos com os tratados feitos a lograr uma nação vizinha e amiga? Não seria mais digna do assumpto a discussão fria, reflectida e lucida, do que essa accusação repetida e sustentada que se vê em cada capitulo, em cada periodo da memoria do Sr. Maury?

Não permitta Deus que a magoa causada ao coração brasileiro pelo artificio e pela injustiça que presidiu á redacção do escripto do Sr. Maury, exerça a mais pequena influencia sobre nosso espirito, no correr da resposta que lhe vamos dar.

Antes de apresenta-la ao leitor, convem recordar em poucas palavras o plano da memoria que nos occupa, e a summa dos argumentos empregados nella.

O Sr. Maury assevera que a livre navegação do Amazonas é para os Estados-Unidos a mais importante questão da actualidade. Para demonstrar esta proposição procura revellar as causas physicas de que resulta a existencia dos dous grandes rios — Prata e Amazonas: — faz a mais poetica e exagerada descripção de varios logares do Brasil e das republicas vizinhas, servindo-se para isso dos escriptos de Castelnau e de outros viajantes. Inculca vantagens, e prognostica resultados maravilhosos, estupendos, de commerciarem os Americanos-Inglezes nesses logares. Finalmente allega que não tendo o Brasil estabelecido a navegação em proveito seu, nem ainda naquelles rios que nascem e correm no interior do imperio, não póde navegar com vapores o Amazonas; pelo que conclue que deve essa navegação ser entregue aos Estados-Unidos, que tem força e vontade para leva-la a effeito.

Na exposição das causas physicas que determinão a formação dos dous grandes rios da America do Sul, esqueceu o Sr. Maury, ou desprezou, um facto que exerce poderosa influencia sobre a accumulação das aguas nesse meio-continente. E' innegavel que a disposição em que se achão as costas atlanticas desse meio-continente, fronteiras e perpendiculares aos ventos geraes do sueste e do nordeste, influe poderosamente sobre os climas dessa região, e particularmente sobre a sua hydrographia, ou antes sobre o estado hygrometrico da atmosphera. E' innegavel que sobre essa parte do novo-mundo deve dar-se o phenomeno da existencia de copiosos rios, que entreguem, que restituão ao oceano as aguas delle trazidas em nevoeiros pelos ventos frescos, que regularmente

soprão perpendicularmente aos dous lados da costa que formão entre si o angulo recto. Mas não se póde admittir que dessa causa unica resultem os dous enormes rios, que tendo algumas de suas nascentes em pontos proximos, vão comtudo procurar desaguadouro, um no Equador, outro ao 35° de latitude austral. Evidentemente a affluencia para o oceano de todos os rios da America do Sul é a retribuição da agua que recebeu esse meio-continente dos nevoeiros que se convertêrão em chuvas depois de tocadas para o interior, de um lado pelo vento sueste perpendicularmente á costa comprehendida entre o cabo d'Horn e o de S. Roque, e do outro lado pelo vento nordeste perpendicularmente ao litoral, que se estende desde o cabo de S. Roque até o de la Vela, na divisa do mar das Antilhas com o golpho do Mexico. A juncção porém, a maravilhosa accumulação da mór parte dessas aguas em dous rios tão volumosos, que são indisputavelmente os maiores do mundo, é devido á disposição de certas cordilheiras e montanhas colossaes que, situadas a léste da dos Andes, forção innumeraveis rios, nascidos em diversas latitudes e em diversas longitudes, a affluir para o sul ou para o norte. Assim pois a grande quantidade d'agua que os rios da America do Sul despejão no oceano, é consequencia da disposição das costas; mas essa estupenda accumulação em dous rios é o resultado da fórma montanhosa da região. Imaginai interrompida na parte septentrional da provincia de S. Paulo a grande serra do mar, vereis diminuir a affluencia para o Paraná, e conseguintemente para o rio da Prata; imaginai que a serra do Estrondo, da provincia de Goyaz, e as montanhas colossaes que se estendem do centro da provincia do Maranhão até os limites austraes da provincia de Minas soffrem mudança de direcção; o Araguaya e o Tocantins virião reunir-se ao rio de S. Francisco, e deixarião de banhar a famosa ilha de Marajoz.

Ora, este facto da disposição das cordilheiras brasileiras no sentido dos meridianos, ou de se acharem em direcção tal que obrigão nossos principaes rios a correr para o norte ou para o sul, para engrossar o Amazonas ou para engrossar o Prata, é, na questão que nos occupa, um facto da mais alta transcendencia.

Seja-nos permittido insistir nelle, e deduzir d'ahi as naturaes e obvias consequencias.

A leste da cordilheira dos Andes e do lago Titicaca se achão no territorio boliviano duas montanhas, o Illimani e o Sorata, que, segundo os trabalhos do sabio viajante Pentland, são ainda mais altas que o Chimborazo, e que quasi attingem a altura do Jawahir, o mais elevado cimo que se tem até hoje medido na cadêa do Himalaya. A léste destas montanhas, e talvez da mesma idade geologica, corre do poente ao nascente em zig-zags, pelos terrenos de Matto-Grosso e de Goyaz, a grande cordilheira brasileira, onde se achão as maiores alturas de nosso paiz acima do nivel do mar.

Depois que a serra do Aguapehy ao occidente da cordilheira tem dado tributarios para o Amazonas e para o Prata, o Aguapehy e o Alegre, essa longa cordilheira, devide as aguas que se escoão de suas encostas, em favor de ambos os grandes rios. Ao léste desta, quasi perpendicularmente, se achão duas outras mais notaveis, quasi parallelas entre si e a dos Andes: a mais occidental é a que se observa composta de montanhas collossaes desde os districtos do Araxá, Uberaba e Patrocinio, na provincia de Minas-Geraes, até á serra da Desordem, na provincia do Maranhão: a mais oriental é a Serra do Mar, que, mais ou menos afastada do litoral, acompanha dous terços da costa do Brasil.

Além destas cordilheiras do hemispherio austral acha-se no septentrional um systema de serras parallelas ao equador, que devidem as bacias do Amazonas e do Orenoco, e que se estendem do oceano até os Andes, ou (com mais rigor) até os *Lhanos* de Nova Granada, onde se manifesta a depressão pela qual se escapa o braço do Orenoco, o Cassiquiario, que se vem reunir ao Rio-Negro.

De tudo isto resulta que cêrca de tres quintas partes do hemispherio americano austral ficão de tal modo rodeadas de cordilheiras, que nellas se formão e caminhão os dous maiores rios do mundo. Resulta mais que os rios do Brasil mais possantes d'agua, de mais longo curso, e mais navegaveis, affastando-se dos parallelos em que nascem, percorrem muitos gráos de latitude para o sul e para o norte. Rios existem, como o Tieté, que, approximados do oceano a meio gráo de distancia, são forçados pela opposição das serras a percorrer 10 e 12 gráos de latitude para chegarem ao oceano. Resulta finalmente da existencia de serranias proximas á costa e quasi parallelas, que os rios nascidos nos seus valles e quebradas terão de vencer, em pequeno trajecto para léste, grandes differenças de nivel, e que portanto não poderão taes rios ser dotados de longo curso navegavel de sua foz para o centro do imperio. Desta regra se não exceptua o mais possante de todos elles, o de S. Francisco,

onde a necessidade de chegar ao oceano em trajecto curto, em consequencia da existencia de alturas insuperaveis da parte da provincia das Alagôas, produziu a celebre escadaria denominada Cachoeira de Paulo Affonso.

Diverso é o curso do Amazonas e do Prata. Cada um destes rios de sua foz para o centro apresenta longo e magestoso curso navegavel. E' verdade que no Amazonas arvores seculares e de um porte admiravel, desaggregando-se das margens, tornão perigosa a navegação dos vapores durante a noite, e que esse embaraço não ha de desapparecer senão depois de seculos. Prescindindo disso, o obstaculo opposto pelas cachoeiras começa longe de Belém, a 300 e a mais de 300 leguas desta cidade no Tapajoz, no Xingú, no Madeira e nos outros affluentes. Já no rio Tocantins não se encontra a tamanha distancia do oceano a primeira cachoeira, pois que defronte de Arroyos, a 94 leguas de Belem, existe o difficil passo, onde se achão os canaes denominados *Guariba* e *Vitam eternam*, e logo a 6 leguas se apresenta a famosa Itaboca, impedindo a subida de vapores, e exigindo o mais rude trabalho para ser transposta por pequenos barcos. O Prata percorrendo quasi 30 gráos de latitude, e serpenteando magestosamente por tão dilatado curso, é o rio que apresenta mais longo, mais aprazivel e mais desimpedido leito navegavel, se se attender a que podem por elle subir vapores até o porto da cidade de Cuiabá, e ainda mais acima se se tomar pelo Paraguaya, onde a navigabilidade (para pequenos vapores) se estende até á confluencia do Seputuba. Mas no rio de S. Francisco a bella via fluvial que se desliza pelo centro das provincias de Minas, Bahia e Pernambuco tem por termo a cachoeira de Paulo Affonso, de cujo topo será forçoso procurar o oceano por meio de um caminho de ferro de 80 leguas de comprimento. A navegação do Parnahyba, que se fôra desimpedida seria capaz por si só de fazer prosperar triplicadamente a provincia do Piauhy, tem embaraços que não estão longe do oceano. No rio Mucury uma empreza, dirigida com reconhecida vantagem para a provincia de Minas, faz parar o vapor na cachoeira de Santa Clara, a 30 leguas de sua foz. Em summa, nenhum rio existe na costa do Brasil, entre o Amazonas e o Prata, que possa communicar o interior do paiz com o oceano atlantico, dispensando o emprego de estradas lateraes e de caminhos de ferro.

Eis-aqui a abundancia das aguas conduzidas pelos ventos geraes do sueste e do nordeste, graças á disposição de immensas serranias convertidas em proveito de dous rios gigantes, sem poder aproveitar aos outros rios, que se escapão e transpoem as quebradas e valles que desembocão a léste. Não obstante essa grave contrariedade, o vapor navega nesses rios, e navegará no de S. Francisco, logo que se conseguir a construcção da estrada de ferro de um dos portos de S. Salvador da Bahia para a villa do Joazeiro.

Podendo-se pois dizer, sem medo de errar, que o Brasil só póde ter grande navegação a vapor no Amazonas e nos affluentes brasileiros do Rio da Prata, é fóra de duvida que desde 1828, no tratado com Buenos-Ayres, estipulámos o que se devia estipular ácêrca da navegação dos tributarios desse grande rio; é tambem fóra de duvida que nosso espirito de paz e de desinteresse não aconselhava outra politica.

Ora, se de facto não temos outros grandes rios facilmente navegaveis do oceano para o centro do paiz senão o Amazonas, pois que no Prata só temos a navegação de affluentes superiores, qual deveria ser a conducta do governo que emprehendesse estabelecer em grande ponto a navegação a vapor? Seguramente seria estabelecer essa navegação naquelle ou naquelles rios em que se lhe não póde disputar o direito de navegar, e que são effectivamente navegaveis em grande escala.

Todo aquelle que tiver acompanhado com olhos de observação a conducta do governo do Brasil, verá que sua marcha tem sido dictada pelo mais nobre desinteresse, pela prudencia, pelo espirito de paz e benevolencia para com as republicas vizinhas. Immediatamente que o Brasil reconheceu a possibilidade de estabelecer vantajosamente no Amazonas a navegação a vapor, tratou de partilhar os proveitos não infalliveis, mas provaveis dessa empreza com as republicas vizinhas, e que tem affluentes amazonios. Parecia que esta conducta era credora de elogios; porém o gratuito inimigo e accusador dos Brasileiros tirou desse mesmo proceder argumentos, improvisou, ou pelo menos acolheu inexactidões para nos fazer encarar desvantajosamente pelos nossos vizinhos, especialmente pelos Bolivianos e pelos Peruanos. Neste proposito diz elle no setimo e ultimo capitulo de sua memoria:

« O Brasil aventou este projecto, e sabendo
« que a livre navegação do Amazonas principiava
« a ser assumpto de conversação nos circulos com-
« merciaes e politicos deste paiz, tomou immedia-
« tamente as mais activas medidas para inutilisar

« qualquer tentativa da nossa parte, que tivesse
« por objecto a livre navegação do Amazonas.

« *Redobrou de energia na guerra contra Rosas*, e
« despachou a toda a pressa enviados extraordina-
« rios e ministros plenipotenciarios para o Perú,
« Bolivia, Equador, Nova Granada e Venezuela,
« afim de contratarem com cada uma daquellas
« republicas o direito exclusivo da navegação dos
« seus tributarios amazonios.

« A sua missão era de frustar quaesquer tentati-
« vas de tratado, que as nações commerciaes qui-
« zessem fazer com essas republicas sobre a nave-
« gação fluvial : *era destinada a retardar os seus*
« *passos, a fechar mais apertadamente que nunca*
« *as suas grandes arterias de commercio, e a perpe-*
« *tuar* por este modo a estagnação e morte, que
« por espaço de 300 annos tem reinado na grande
« bacia fluvial do Amazonas.

« O Perú *deixou-se lograr*, e fez o tratado exi-
« gido , porém os estadistas de Bolivia, *mais sa-*
« *gazes, desconfiárão do negocio*, e não só recusárão
« tratar com o Brasil a tal respeito, se não que o
« sabio presidente daquella republica pretende es-
« tabelecer nos seus rios tributarios do Amazonas
« portos francos a todas as nações. »

Com effeito *redobrámos de energia na guerra contra Rosas*, porque em circulos commerciaes e politicos dos Estados-Unidos era assumpto *de conversação* a livre navegação do Amazonas! A guerra que o dictador nos fazia, a independencia do Paraguaya sériamente ameaçada, quando nós a haviamos garantido, o estado do Uruguay a debater-se e em perigo de succumbir, a necessidade indeclinavel de expellir do territorio oriental o general Oribe, afim de acommodar as difficuldades nascidas dos continuos massacres, tropelias, violencias e extorsões commettidas sobre subditos e propriedades brasileiras no territorio oriental e na fronteira do Brasil, tudó isso era nada para que redobrassemos de energia na guerra, e procurassemos o desenlace dessas questões. O estimulo que nos levou a redobrar de energia foi que a livre navegação do Amazonas *era assumpto de conversação em circulos commerciaes e politicos nos Estados-Unidos!!*

A missão dos diplomatas brasileiros era lograr as republicas vizinhas, e destinada a fechar, mais apertadamente que nunca, as grandes arterias do commercio!!!

Os factos depõem contra essa predicção desde que os vapores brasileiros navegão no Amazonas e no Rio-Negro, e desde que o Perú compra barcos para navegar nos seus rios e nos nossos.

O Perú *deixou-se lograr*, mas já tem commercio e navegação a vapor; Bolivia, que tem *estadistas mais sagazes, recusou tratar comnosco*, mas ainda não alcançou iguaes vantagens.

CAPITULO II.

O clima do valle do Amazonas. — Uberdade e producções do solo. — Salubridade.

No capitulo primeiro ficou dito que o Sr. F. Maury allegava o facto de não estar ainda o territorio do Amazonas aproveitado, como deve sê-lo, para deduzir o direito que no seu entender tem os Americanos de exigir dos Brasileiros a livre navegação do Amazonas. Cumpre agora dizer que nessa argumentação todo o artificio consiste no pôr em relevo a negligencia e fraqueza do governo do Brasil. Para isso qualifica o clima do valle do Amazonas como um dos *mais saudaveis e deliciosos do mundo;* diz que esse valle é um paiz de arroz; que em 10 mezes a terra produz o augmento de *um por mil*; que reina ali *um perpetuo verão*, uma perpetua successão de seáras; que o paiz regado pelo Amazonas, uma vez desinçado dos selvagens e dos animaes ferozes, e sujeito á cultura, seria capaz de *sustentar* com seus productos a *população inteira do mundo.*

Se para todas estas asserções, e no mero intuito de figurar no catalogo dos romancistas, o Sr. F. Maury houvesse recorrido sómente a escriptos de viajantes, poder-se-hia relevar que fallasse com tanta generalidade, que acolhesse sem criterio informações exageradas. Uma vez porém que com segunda tenção se constituiu repetidor de descripções poeticas, e que procurou nas leis physicas a explicação dos phenomenos de que emprehende dar noticia, não se lhe póde mais perdoar que não tenha maduramente reflectido, ou que tenha occultado verdades, cujo conhecimento interessava a seus leitores. Citemos as suas proprias palavras do capitulo primeiro. « Em todas as regiões intertropi-
« caes do globo, na India, na Africa occidental, na
« Nova Hollanda e na Polynesia, o anno divide-se
« em estação chuvosa e estação secca; e durante
« esta ultima cahe bem pouca ou nenhuma chuva:
« seccão-se as fontes, perece o gado, e os corpos
« mortos contaminão o ar. Então acontece tam-
« bem apparecer naquelles paizes o terrivel mal
« da peste.

« Não é porém assim o valle do Amazonas.
« Ali as chuvas, bem que copiosas, não cahem
« sómente dentro de poucos mezes, nem são acom-
« panhadas dos terriveis tufões e turbilhões do
« vento que se levantão com cada mudança de
« estação na India. *Na America, brandas e fecun-*
« *dantes chuvas cahem em todos os tempos do anno,*
« *e os tufões raras vezes se levantão.* »

Depois disto o Sr. Maury procura deduzir que o paiz é salubre pelo facto de chover frequentemente *e de estar dentro dos tropicos!* Ouçamo-lo:

« Ora, qual deve ser a condicção de um paiz
« *intertropical, cujo solo é banhado por frequentes*
« *chuvas*, e onde se não experimenta uma secca
« abrasadora durante seculos de perpetuo verão?
« Sem duvida a da fertilidade e salubridade, por-

« que em semelhante clima tudo nasce e cresce « promptamente. (!!!)

« De facto ali a vegetação está em perpetua ac- « tividade; não ha intervallo de repouzo vege- « tal, porque assim que cahe um folha, e prin- « cipia a apodrecer, vão nascendo outras folhas, « que lhe absorvem os gazes. Taes condições « fazem com que o clima do valle do *Amazo-* « *nas seja um dos mais saudaveis e deliciosos do* « *mundo.* (!!!) »

Que assim se exprimisse algum desses viajantes, que depois de atravessar nosso paiz a galope, ou de percorrer uma pequena parte delle, vai escrever na Europa o seu livro, que é aceito com benevolencia, embora cheio de inexactidões, póde-se tolerar. Mas não se póde tolerar igual procedimento no Sr. Maury, mórmente quando o seu papel não é o de mero noticiador. As inexactidões do viajante não podem ter consequencias desagradaveis para o paiz, mas as do Sr. Maury, apostolo de uma idéa que se póde qualificar ameaçadora, são por certo perigosas, tanto mais que o Sr. Maury escreve para um paiz regido pelas formas democraticas, onde as illusões propaladas sem réplica pela imprensa podem tender algum dia a perturbar a prosperidade modesta de outros povos. Demais o Sr. F. Maury é homem dedicado a experiencias e a observações, e por isso ha de conhecer perfeitamente em sua consciencia, que a respeito do Brasil, de seu clima, de suas producções, tirou illações a que não estava autorisado; por isso que não conhecia o resultado de observações directas.

Sabe todo o mundo que ha com effeito na parte oriental do valle do Amazonas a vegetação mais vigorosa que se póde imaginar. Ninguem póde negar que a terra paga avultadissimamente, mais talvez que em qualquer outra parte do mundo, o trabalho da cultura de certas especies vegetaes. Existe admiravel abundancia de productos preciosos para a industria, para as artes, para os usos da medicina. Sabe-se que um alqueire de arroz produz quarenta, e que se se plantarem quarenta colher-se-hão mil e seiscentos. Mas pergunta-se: o homem que planta um e colhe quarenta tem forças para plantar os quarenta e colher os mil e seiscentos? seguramente não. Os terrenos proprios para a cultura do arroz são apropriados para a cultura do trigo, do café e do algodão? Se a vegetação é incessante, se á proporção que cahe uma folha nascem outras, concebe-se desde logo que a cultura encontrará a par de larga retribuição multiplicadas contrariedades que teem sua origem na mesma fertilidade do solo, e no calor e humidade da região. Antes de proceder-se á sementeira é preciso derrubar arvores seculares e colossaes: desembaraçado o terreno, á proporção que nascem e crescem as especies plantadas, nasce com o mesmo, se não com maior vigor, um milheiro de especies, inconvenientes que é preciso destruir. Além disto o sol abrasador ou a chuva interrompem o trabalho; e o calor produz este resultado, deixando o homem frouxo, exhausto de fadiga e suor. Milhões e milhões de insectos e de reptis tornão muitas vezes a vida penosa e difficil. Para o Europeu, para o Americano Inglez, seria por certo mui pouco *delicioso* passar dias inteiros abanando mosquitos, matando reptis venenosos, alagado em suor, lamentando a perda daquella energia que teem elles nos seus climas frios.

Se tudo isto é verdade, se a cultura das terras na região altamente fertil do Amazonas não é portanto livre de tropeços e de incommodos; se é preciso que o homem, para recolher esses grandes resultados, soffra certo genero de contrariedades (que só a longa aclimatação habitua a combater e a supportar pacientemente), por que razão se ha de occultar que ao lado de incalculaveis vantagens ha tambem grandes e multiplicados inconvenientes? De facto a vegetação é espantosa, como se sabe, na parte mais oriental do valle do Amazonas. Mas se se considera comprehendida na denominação—Valle do Amazonas— toda a região deste rio e de seus confluentes, como se deduz da memoria do Sr. F. Maury, é preciso dizer que ha territorio de affluentes, onde o vigor e exhuberancia da vegetação teem diminuido, e se achão reduzidas a um quarto e a um decimo do que são na parte que chamamos oriental; ha territorio de affluentes esteril, completamente esteril e inhabitavel.

Sabe o Sr. F. Maury perfeitamente que na região do Orenoco uma grande parte do territorio da republica de Venezuela está sujeita ás alternativas de estação chuvosa e estação secca. Pois bem, taes alternativas se reproduzem no interior do Brasil, apenas se transpõe a primeira cordilheira que acompanha a costa, e que impede o accesso dos ventos frescos de léste. Na verdade a maior parte do territorio central não chega a soffrer seis mezes de sóes ardentes; a estação rigorosamente secca dura sómente tres a quatro mezes nos terrenos a que chamamos sertões de Matto-Grosso,

Goyaz, S. Paulo, Minas e Bahia; porém as provincias brasileiras ao norte da de Pernambuco chegão a soffrer seccas de seis mezes e de mais. A provincia do Ceará tem visto passarem-se dez mezes sem que uma gota de chuva humedeça e fertilise o solo.

Nem é desconhecido de viajantes instruidos este facto: no primeiro volume do Cosmos de Humboldt, tratando de climas, diz o grande sabio da Prussia:

« As planicies aridas de Cumaná, de Coro e do « Ceará (no Brasil septentrional) *que a chuva já-* « *mais humedece*, são o contraste de outras regiões « dos tropicos, em que a agua do céo cahe abun- « dantemente. »

De tudo isto se deve concluir que as informações contidas na memoria do Sr. F. Maury, bem como as illações que tira a respeito da fertilidade das terras em géral, devem ficar sujeitas a um grande desconto, que talvez se possa avaliar com justeza, dizendo que deve ser de 50, 60 a 90 por cento. Quanto á fertilidade da região oriental, onde se achão as verdadeiras florestas primitivas do Amazonas, a realidade é maior ainda que a pintura feita; mas era preciso não occultar os inconvenientes que acompanhão essa fertilidade. Além disto era necessario, quanto á capacidade de todo o mais territorio brasileiro para culturas, não lhe fazer extensivas as consequencias que deduziu para uma determinada região do baixo Amazonas.

Ainda uma vez é preciso recordar que o Sr. F. Maury esqueceu, se não occultou de proposito, a influencia que deve exercer sobre a fertilidade e sobre a capacidade para diversos generos de cultura a circumstancia de existir na região dos affluentes do Amazonas immenso terreno submergido e alagado em grande parte do anno, onde o agricultor teria de colher o arroz banhado em aguas infectas, sob o sol abrazador dos tropicos.

Ora, se a respeito da fertilidade do solo o defeito que notamos na exposição do Sr. F. Maury consiste não só em ter olvidado a influencia da immensa quantidade d'agua que inutilisa para o maior dos ramos de cultura terrenos aliás ferteis, como tambem por ter feito extensiva a uma área de cêrca de duas mil milhas quadradas a lei que poderia deduzir para uma outra área muito menor; a respeito da salubridade fica-se pasmo de ouvi-lo contrariar nossa propria experiencia e documentos officiaes, unicamente para dahi deduzir, força é repeti-lo, que o Brasil deve ser privado da posse de todo o tronco principal do Amazonas *pelo não uso*.

Quando o governo imperial emprehendeu o estabelecimento definitivo da navegação a vapor no Amazonas, teve a mais desvelada solicitude em promover desde logo o estabelecimento de colonias, em vistas de multiplicar as producções do solo procuradas pelo commercio, e de entregar a cultura aquelles terrenos, que com effeito dispoem da mais admiravel fertilidade. Nestas vistas, um dos seus passos foi colher informações sobre sitios azados para o estabelecimento de colonias. Em desempenho desta commissão, o Dr. Marcos Pereira de Salles, natural da provincia do Pará, enthusiasta da prosperidade de sua patria, mas verdadeiro, exacto e circumspecto, não occultou ao governo aquillo que sua intelligencia esclarecida lhe fazia considerar como embaraço mais ou menos superavel. Desenvolvendo algumas considerações ácerca da agricultura e do commercio, diz o distincto brasileiro: « Parece prudente que o governo ou a « companhia do Amazonas por elle autorisada não « funde mais do que seis colonias nestes dous pri- « meiros annos, cada uma das quaes não deve ex- « ceder de quarenta a cincoenta familias, ou de « duzentos individuos estrangeiros, preferindo- « se os Allemães, que de todos são os que mais fa- « cilmente se aclimatão no paiz.

« Destas colonias quatro devem ser estabelecidas « na provincia do Amazonas e duas na do Pará. « Assim constituidas em pequeno numero facil é « acudi-las com a necessaria subsistencia, quando « não a hajão toda das mattas e rios vizinhos. Se « dous annos de tirocinio demonstrarem a *incon-* « *veniencia do logar*, difficil não será muda-las « para outras posições mais vantajosas, tanto pelo « que diz respeito *á salubridade* como *á fertilidade* « *das terras*. »

Aqui temos pois o testemunho de um Paraense cheio de patriotismo, porém firme no proposito de dizer sómente a verdade; aqui temos esse testemunho, de que não é licito contar com a fertilidade nem com a salubridade de qualquer logar, de qualquer malha de terreno, como contaria quem prestasse á memoria do Sr. F. Maury o credito que o escriptor americano prestou a pinturas exageradas. Poderiamos ainda citar o que teem dito presidentes habeis e illustrados nos relatorios lidos á assembléa da provincia: limitar-nos-hemos porém a citar factos confirmados, e de notoriedade publica, para nos não estendermos desmesuradamente.

A colonia de Santa Theresa, fundada a esforços do habil administrador o Sr. conselheiro Jeronymo Francisco Coelho, na cachoeira da Itaboca, isto é, no logar o mais apropriado para auxiliar a navegação de Goyaz pelo Tocantins, teve de retirar-se, dizimada pelas febres perniciosas, e foi estabelecer-se ainda acima no antigo presidio de S. João das Duas Barras. As tripolações dos barcos do negociante de Goyaz Torquato José de Barros, no tempo da presidencia do Sr. Fausto de Aguiar, e dos barcos da Sociedade Commercial chegados ao Pará no tempo da administração do Sr. Dr. Cunha, forão tambem dizimadas por enfermidades endemicas.

N'uma obra que faz honra a seu talento, o capitão-tenente da armada brasileira Lourenço da Silva Araujo e Amazonas, fallando da extincta povoação do Crato, diz: « E' o Crato onde mais horrorosos « males se hão observado endemicos, como hydro- « pesias, ictericias, camaras, scorbuto, febres, erup- « ções cutaneas, etc., tudo explicado pelas aguas « que se bebem, impregnadas de substancias vene- « nosas. » No artigo —clima— diz o mesmo autor: « As intermittentes são endemicas, as mais assi- « duas, e que dão esperança de extincção; feliz- « mente curão-se nas povoações com ligeiro trata- « mento: deixar o logar onde se adquirirão, como « algum lago ou rio em vasante, importa o mais « efficaz remedio. Sempre por occasião dos movi- « mentos dos rios (principio de enchente ou de va- « sante) soffre-se de defluxo, com mais ou menos « incommodo de garganta, e ha exemplo de ter-se « esse mal tornado fatal; porém nas alagadas « margens do Madeira e Japurá, áquem das ca- « choeiras, principalmente aos primeiros repique- « tes da enchente, observão-se além de febres affec- « ções cutaneas, inflammações de visceras, scorbu- « to, ictericia e hydropesia, que terminão mui « promptamente com a morte: aguas, que estag- « nadas se conservárão durante a vasante nos lagos « e igarapés, e por isso se impregnárão de succos « de vegetaes venenosos, principiando a correr « com a enchente, explicão a causa de semelhante « insalubridade; o que parece dever efficazmente « remediar a cautela de nessa quadra beber agua « do rio, recorrendo ás fontes, e em ultimo caso « as cacimbas. A descripção do como recentemen- « te se frustrou o estabelecimento da colonia de « Santa Theresa no Tocantins, falla de sobejo, « para poupar aqui o menor trabalho em seme- « lhante demonstração. » Accrescente-se agora a tudo isto que já a febre amarella reinou na cidade de Belém e n'outras povoações, que ali e n'outros pontos se desenvolvem a bexiga, as febres perniciosas e as sezões ou intermitentes benignas, e diga-se se póde assegurar sem restricção alguma, como faz o Sr. F. Maury: « *O clima do valle do* « *Amazonas é um dos mais saudaveis e deliciosos* « *do mundo?* »

Ora, o Sr. Maury não só deixou de empregar certas restricções com que o escriptor consciencioso busca approximar-se da verdade, mas até quiz concluir que a salubridade procede de ser o solo banhado por frequentes chuvas, e de se não esperimentarem nelle seccas abrasadoras durante seculos de perpetuo verão. Se assim fosse, desnecessario se tornaria escolher logares, ou esperar da observação resultados que inspirassem segurança. Mas o governo do Brasil, que luta na Europa com a indisposição de inimigos da emigração para nossas terras, obraria desacertadamente se determinasse a fundação de colonias, olhando para uma carta da provincia sem dados positivos a respeito da salubridade, fertilidade e recursos dos pontos que lhe parecessem azados para séde de povoações.

O Dr. Salles, indicando para esse fim os sitios que lhe parecião dispor das maiores vantagens, deu sobre cada um delles importantes noticias e esclarecimentos, nunca esquecendo o inconveniente das allegações e as vantagens das collinas. Tal é a convicção em que de certo está de que ha terrenos, malhas estensas de terreno, onde a habitação se torna nociva, embora uma floresta espantosa revele a mais vigorosa fertilidade, embora esses terrenos estejão nas condições meteorologicas que o Sr. Maury apresenta como causas que terão por effeito infallivel — a salubridade.

CAPITULO III.

Infidelidade dos escriptores consultados pelo Sr. Maury. — Estima e consideração de que goza no Brasil o barão de Humboldt. — Systema japonez. — Informações inexactas ácerca de Matto-Grosso. — Poconé. — Villa Maria. — Navegação de Cuyabá para o Amazonas. — Projecto chimerico de M. de Castelnau. — Monopolisação do commercio e navegação do Novo-Mundo. — Demonstração da inexequibilidade de uma communicação fluvial desde Buenos-Ayres até a foz do Orenoco.

Acabámos de ver que o Sr. F. Maury, no intuito de estabelecer que o valle do Amazonas, comprehendida a região de todos os seus affluentes, é um paiz fertil sem segundo, salubre, e de habitação deliciosa, occultou circumstancias dignas de attenção, e não se orientou em escriptos, em autoridades que nós não pudessemos recusar.

Se o Sr. F. Maury, para escrever sobre cousas do Brasil, tivesse consultado, como podia e devia, fontes puras, onde bebesse informações veridicas; e se oppuzesse a sua reflexão ás descripções poeticas de Castelnau, e seu patricio Herndon e outros, é muito provavel que nos não suppuzesse tão inimigos das sciencias e dos estrangeiros illustres, que prenderiamos Humboldt se viesse á nossa terra; tão inimigos da navegação, que não temos vapores nesses rios, onde os delphins brincão tão indolentes, que não colhemos os diamantes que as gallinhas engolem.

Por mais que se esforce o Sr. Maury por fazer crer que seguimos o systema japonez, pelo facto de negar nosso governo aos Estados-Unidos a permissão de fazer explorar nossos rios com vapores seus, o mundo civilisado sabe que acolhemos suas illustrações como ellas o merecem. Se Humboldt viesse ao Brasil, seria entre nós recebido como o primeiro sabio do mundo, como o mais veridico, o mais exacto e o mais benevolo viajante que tem sahido da Europa, como o autor cujas obras figurão nas bibliothecas dos homens de illustração, por quem são a cada passo lidas e consultadas.

A maneira por que o sabio da Prussia foi tratado em Paris pelo embaixador portuguez, depois que regressou da America; o convite que lhe fez o governo de Portugal, e a que elle annuiu escrevendo uma memoria (em 1817) sobre a fixação dos limites das Guyanas franceza e portugueza; inutilisarião essa invenção da ordem para a prisão de Humboldt, cujo odioso, quando ella tivesse existido, não poderia jámais recahir sobre o governo do Brasil.

O estrangeiro que pretende viajar por amor das sciencias, ou que nessa qualidade se apresenta, recebe no Brasil o mais hospitaleiro acolhimento. Castelnau, esse mesmo Castelnau, cujo nome está longe de associar-se como o de Humboldt ás idéas

de respeito e veneração, e que foi a nosso respeito bastantemente injusto, especialmente quando falla dos Bolivianos de um modo mais vantajoso que a respeito dos Brasileiros naturaes de Matto-Grosso, como teremos occasião de reconhecer; fallando da maneira por que foi recebido nas nossas provincias centraes de Minas-Geraes, Goyaz e Matto-Grosso, se exprime nos seguintes termos:

« Pouco depois recebemos a visita do major An-
« dréa, filho do presidente da provincia, que vinha
« em nome de seu pai offerecer-nos os serviços do
« governo. (De Minas Geraes.)

. . . . . .

« Achámos no presidente um homem instruido,
« e cujas maneiras erão *extremamente agradaveis:*
« elle nos prometteu empregar toda a sua influen-
« cia afim de *facilitar* nossa viagem, e *cumpriu sua*
« *palavra* em tudo e por tudo.

« A' vista do desejo que lhe manifestei de ver al-
« guns dos Botocudos que habitão a provincia, en-
« viou immediatamente um correio encarregado de
« trazer dous dos mais bem caracterisados das bor-
« das do rio Doce. Fomos depois visitar os princi-
« paes edificios da cidade, entre outros a casa da
« municipalidade, que serve tambem de prisão: é
« um bello edificio perfeitamente organisado. No
« dia seguinte recebemos a visita do presidente, e
« ficámos cada vez mais encantados de tratar com
« elle. »

De sua recepção em Goyaz diz o viajante francez:

« Não sómente o presidente D. José nos cedeu a
« mais bella metade de seu palacio, como até quiz
« *encarregar-se de todas as nossas despezas* durante
« nossa estada na capital: disse-me que taes erão
« as *ordens de seu governo. Nunca a hospitalidade*
« *foi mais larga e mais completa.* Nós eramos con-
« siderados *como hospedes do Imperador*, e tratados
« com honras extraordinarias. O que nós não podia-
« mos conceber era como se tinha podido, a tre-
« zentas leguas no interior do Brasil, reunir tantos
« commodos: nossas camaras estavão largamente
« providas de todos os moveis necessarios, e nosso
« hospede, tão espirituoso quanto instruido, nos fa-
« zia passar o tempo da maneira a mais agradavel.
« Chamado ao Rio de Janeiro, por suas funcções de
« deputado, D. José quiz todavia esperar meus com-
« nheiros de viagem; porém no dia seguinte áquel-
« le em que chegárão, tivemos a tristeza de nos
« separar delle. O governador de uma provincia
« mais extensa que a França partiu para uma via-
« gem de perto de 400 leguas, e através de um paiz
« deserto, que apresentava numerosas difficulda-
« des, acompanhado de um só domestico. Vestido
« com um paletó branco, e coberto com um chapéo
« de palha, limitava sua comitiva a uma só pessoa,
« para não prejudicar a rapidez habitual de suas
« marchas: montados cada um delles n'uma ex-
« cellente besta, percorrião no espaço de um mez
« a immensa distancia que separa Goyaz da capi-
« tal do imperio. O sobrinho do bispo substituiu a
« D. José, na qualidade de vice-presidente, *et*
« *nous n'eximes qu'à nous louer de lui sous tous les*
« *rapports.* »

De sua recepção em Matto-Grosso, e do que é aquella remota capital de provincia, diz o mesmo viajante:

« Immediatamente que chegámos á Cuyabá fo-
« mos conduzidos ao palacio, onde o presidente,
« o Sr. coronel Gomes Jardim, recebeu-nos da
« maneira a mais amavel: passámos com elle o
« resto do dia.

. . . . . .

« As casas teem uma apparencia européa, que
« se fica pasmo de encontrar ali: são alvejadas
« com cal, trazida para isso do rio Paraguay, e
« muitas teem grades de ferro. A casa em que es-
« tavamos estabelecidos era espaçosa e bem mobi-
« liada. A esta primeira attenção, que muito nos
« penhorou, o presidente juntou uma outra, a de
« nos obrigar por suas instancias a aceitar sua
« mesa durante todo o tempo que estivemos em
« Cuyabá. »

A' vista disto seria desnecessario accrescentar que não foi em territorio de nosso Japão que Castelnau perdeu suas collecções de historia natural, e seu interessante companheiro de viagem, o visconde d'Ousery.

Ora, se Castelnau, tratado no Brasil com os obsequios devidos á sua importancia pessoal e ás recommendações que o acompanhavão, e cujo effeito o sorprendeu por toda a parte, deixou escapar proposições que autorisárão o Sr. Maury a qualificar-nos mais desvantajosamente que aos Bolivianos, o que não dirá de nós, por exemplo, o Sr. tenente Herndon, obrigado pelo espirito japonico do governo do Brasil a sustentar-se de phócas e de macacos, como diz o Sr. Maury, não obstante andar percorrendo paizes de leite e de mel?

Sirva esta consideração para premunir o espirito do Sr. Maury contra escriptos de pessoas que se nos mostrão desaffectas; e vamos ver se essas pessoas já o levárão a fallar com menos exactidão,

com menos justeza do que convem a um homem habituado, como o Sr. Maury, a estudos fortes e a raciocinios rigorosos.

Deixando com o Sr. Maury o paiz do velho Dr. Francia, tão poetica e lisongeiramente descripto pelo Sr. Hopkins, percorramos a provincia de Matto Grosso. Chegado a Matto Grosso, o Sr. Maury viu em Pocané uma das mais florescentes villas do interior do Brasil; mas o que nós sabemos dessa povoação é, que não tendo elementos de prosperidade, e que pertencendo quasi todos os seus predios a criadores de gado que residem habitualmente em suas fazendas, Poconé é uma villa deserta, e ainda por outros motivos considerada entre nós como degredo para os juizes formados. Deixando Cuyabá, e subindo pelo Paraguay, o Sr. Maury achou em Villa Maria um forte guarnecido por peças de artilharia « que (são suas formaes palavras) forão transportadas pelo Amazanas até « Tapajoz; dahi por este rio até o Arinos, donde forão conduzidas através dos paizes diamantinos « ás cabeceiras do Cuaybá, transportadas dahi até « o Paraguay, e por este rio acima até Villa « Maria. »

Vejamos agora o que ha de verdade em tudo isto. Villa Maria não é, nunca foi ponto fortificado com artilharia: ahi nunca se collocárão peças. Villa Maria tem sido até hoje a séde de destacamentos destinados a rondar a campanha das Onças, e a guardar nossa fronteira, com tropa ligeira, pelo lado da republica boliviana. As peças de que ouviu fallar o Sr. Maury são quatro bocas de fogo destinadas ao forte de Coimbra, e que não podendo chegar ao seu destino pelo Paraguay, por causas alheias á nossa vontade, subirão o Amazonas e o Madeira (mas não o Tapajoz), entrárão pelo Mamoré e pelo Guaporé. Conduzidas dahi por terra, até ás margens do Jaurú, forão posteriormente embargadas, e descêrão o Paraguay até Coimbra.

A' primeira vista parecerão de pequena, talvez de nenhuma importancia, estas duas rectificações; lendo-se porém o capitulo terceiro da memoria do Sr. Maury, ver-se-ha que tendo trazido estes factos para censurar o governo do Brasil pelo desprezo em que tem estado a navegação do Prata e do Amazonas, é preciso não desprezar esses factos, calculadamente ou ingenuamente desfigurados.

Lamenta o Sr. Maury que havendo no districto de Villa Maria immensa plantação natural de ipecacuanha, e grande quantidade de baunilha, venhão esses generos ao mercado sobre costas de bestas, quando podião vir pela grande estrada real da natureza. Não podendo tolerar se que o Sr. Maury queira ser mais brasileiro que os Brasileiros, mais amigo da prosperidade de Matto-Grosso, e conseguintemente do Brasil, que os homens esclarecidos que o tem governado, só nos resta agradecer a benevolencia do escriptor americano inglez, e o dó que lhe inspira nossa cegueira. Isto feito, continuemos com élle a percorrer Matto-Grosso.

Diz o Sr. Maury: « O Brasil tem a um tiro de pe« dra daquella cidade (falla-se do Cuyabá), e por um « facil transporte, as aguas navegaveis do seu pro« prio Amazonas; e todavia tal tem sido o seu receio « de que as barcas de vapor sobre aquellas aguas « revelassem ao mundo as riquezas daquella pro« vincia, que vemos por elle adoptada uma politica « peior que a do Japão, pois exclue da cultura, da « civilisação e do commercio o mais bello paiz do « mundo. »

Se os Matto-Grossenses não fossem os primeiros a reconhecer o que ahi vai de inexacto, seria de receiar que tivessemos em breve tempo uma revolta em Cuyabá, obrigado injustamente a não ter cultura, civilisação e commercio. Ainda assim é natural que o bom senso dos Cuyabanos os fizesse desconfiar dessa qualificação—*mais bello paiz do mundo*—qualificação que o Sr. Maury baratêa a cada um dos paizes com que se occupa, á guiza de cortezão nos salões, que lisongêa as personagens, a quem dirige a palavra, repetindo incessantemente as mesmas banalidades.

Onde leu o Sr. Maury que a cidade de Cuyabá tem a um tiro de pedra as aguas navegaveis do Amazonas? Se por aguas navegaveis se entendem aquellas em que podem subir e descer barcos carregados, para a cidade do Cuyabá, estão ellas (as dos affluentes amazonios) a 34 leguas de distancia no porto do Rio Preto (a 4 leguas da villa do Diamantino) ou 40 no porto do rio Arinos. Ainda assim a navegação pelos affluentes do Amazonas só é desimpedida e propria para barcas de vapor, depois que se atravessão as cachoeiras do salto Augusto e de S. Simão. Em rigor a navegação a vapor de Cuyabá para o Amazonas só poderá começar a mais de 100 leguas dessa cidade. Já vê portanto o Sr. Maury que não é tão máo o governo do Brasil, quando não obriga os vapores a saltar essas cachoeiras, e a caminhar em aguas onde apenas fluctuão balsas e pequenas canôas de pescaria.

Subamos agora com o Sr. Maury, acompanhado de Castelnau, a cordilheira, ao norte do Diamanti-

no, onde se achão pequenos regatos que pendem para o Norte e para o Sul, e por onde o escriptor americano viu com o viajante francez a possibilidade e até a conveniencia de estabelecer-se communicação entre as aguas do Prata e as do Amazonas.

Ouçamos primeiramente o official da marinha americana ingleza.

« E' ainda um problema se as aguas do Prata e « do Amazonas se unem por meio de um canal na- « tural, como acontece com as do Amazonas e do « Orenoco pelo Cassiquiario. Em tal caso offerece- « riao uma navegação interior desde Buenos-Ayres, « em trinta e cinco gráos de latitude meridional, « até á foz do Orenoco, em onze gráos de latitude « septentrional, onde este rio entra no mar dos « Carahybas. Uma tal navegação não só traria a « nossos portos os productos commerciaes das en- « costas atlanticas da America do Sul, mas des- « pejaria os seus thesouros no proprio seio onde « o Mississipi entorna as suas aguas, o excedente « da sua producção, e a sua riqueza.

« De todos os modos, quer exista ali agora um « canal natural ou não, podemos antever o tem- « po em que a cultura e a civilisação, promovi- « das pelo vapor, hão de enraizar-se na grande ba- « cia do Amazonas; então esses canaes, que a « natureza não completou, serão completamente « abertos pela arte. Por elles o Prata ficará, por « assim dizer, revirado, sendo a boca para todos « os fins praticos do commercio posta debaixo do « equador, onde o Amazonas desagua no oceano. »

Ouçamos agora o viajante francez.

« Uma excursão nas partes septentrionaes da « provincia de Matto-Grosso offereceu-nos a oc- « casião de determinar a posição das nascentes « do Paraguay, assim como as do Tapajoz; e pu- « demos contemplar ao mesmo tempo os braços « dos dous maiores rios do mundo, o Prata e o « Amazonas, surgindo das entranhas da terra a « nossos pés, e entrelaçados um com outro. »

. . . . . .

N'outro logar diz o mesmo Castelnau.

« Achámos um dos proprios mananciaes do « Amola (tributario do rio Cuyabá) que nasce em « um algar da chapada da serra, e corre para o « Sul. A fazenda do Estivado, onde nos achavamos, « está situada n'um dos mais interessantes pon- « tos de todo o paiz. Ali de facto, e a poucos pas- « sos um do outro, brotão os mananciaes dos dous « maiores rios do mundo, o Amazonas e o Prata. « Póde ser mui facil algum dia estabelecer uma « communicação entre estas gigantescas corren- « tes, *pois que o dono da casa nos disse haver ten- « tado, para o simples fim de regar o seu jardim, « desviar as aguas de um rio para o leito do ou- « tro.* »

Com effeito, M. Castelnau considera facil a communicação entre as gigantescas aguas do Amazonas e do Prata, por meio de um rio, por meio de uma pequena torrente que um homem do sertão de Matto-Grosso tentou desviar para regar o seu jardim! O Sr. Maury, introduzindo nesses rios as barcas de vapor, já vê revirado o Prata, e collocada a sua bocca debaixo do equador, onde o Amazonas desagua no oceano!

Reconhecem que existe uma cordilheira, sabem que essa cordilheira se estende dos Andes ao Atlantico, e comprehendem a possibilidade, e até as vantagens de estabelecer-se através della uma communicação fluvial, que admitta navegação por vapores!!! Reconhecem que os rios nascidos nessa consideravel altura são taes, que um sertanejo póde fazer mudar o seu curso para regar um jardim, e concebem que haverá profundidade e placidez necessaria para navegação regular!!

Onde está a reflexão, onde está o respeito ao bom senso publico, quando se escrevem concepções desta ordem?

Aqui terminariamos o reparo que antepomos a esse inqualificavel projecto de communicação das aguas do Prata e do Amazonas, por meio da canalisação de ribeiros nascidos em algares da longa cordilheira que se estende do Atlantico até os Andes, se não estivessemos convencidos da necessidade de tornar tão saliente quanto é possivel a malevolencia do Sr. Maury para com o Brasil, a falta de justeza de suas vistas, e o artificio com que falla a seus leitores norte-americanos. Se o territorio da União se assemelhasse ao nosso, se os rios que o atravessão nascessem como os da America do Sul, e como elles corressem por terrenos tão consideravelmente montanhosos, poder-se-hia acreditar que o simples bom senso bastaria para não se dar inteiro credito ás asserções do autor da memoria que nos occupa. Assim porém não succede, e conseguintemente os Norte-Americanos, arrastados pela eloquencia do Sr. Maury, convidados pelo engodo de emprezas faceis e prenhes de resultados maravilhosos, acolherão sem duvida as noticias, as idéas, os projectos desse homem distincto no seu paiz, e justamente respeitado por trabalhós impor-

tantes, sem dar fé das inexactidões e dos absurdos que apadrinha com seu nome, quando se constitue o apostolo *enragé* da livre navegação do Amazonas.

Insistamos portanto na demonstração da inexequibilidade desse projecto de navegação do Prata revirado, e commercialmente privado de sua foz, em proveito da foz do Orenoco no mar dos Carahybas, afim de centralisar-se nas cidades do Golpho do Mexico o commercio e as riquezas do immenso continente americano.

Para não se suppor que declamamos, força é recordar que o Sr. Maury diz « que *quer exista um canal natural ou não entre as aguas do Prata, e as do Amazonas, póde-se antever o tempo em que esses canaes serão completamente abertos pela arte; que neste caso esses canaes naturaes ou artificiaes offereceriâo navegação interior desde Buenos Ayres, em 35 gráos de latitude meridional, até a foz do Orenoco, em 11 gráos de latitude septentrional, onde este rio entra no mar dos Carahybas; que uma tal navegação não só levaria aos portos da União os productos commerciaes das encostas atlanticas da America do Sul, como tambem despejaria os seus thesouros no proprio seio onde o Mississipi entorna as suas aguas, o excedente da sua producção, e a sua riqueza.* »

Observemos agora qual será a derrota do official da marinha americana por essa navegação interior destinada a revirar o Prata, e a levar para perto da foz do Mississipi os thesouros da America do Sul.

Embarcará n'um elegante vapor carregado com os productos do Paraguay, relacionados pelo Sr. Hopkins como proprios para exportação, a saber: rhuibarbo, salsaparrilha, jalapa, beijoim, sasafraz, guaico, sangue de drago, balsamo de copahyba, noz-vomica, alcassús e gengibre.

Subirá o Prata, o Paraguay e o Cuyabá; chegando ahi, ou proseguirá pelo riacho Aurola, que o hospede do Sr. Castelnau tentára desviar para regar o seu jardim, ou fará primeiramente um canal através da cordilheira para passar do Cuyabá navegavel para o Tapajoz navegavel. Penetrando no estupendo canal, chegará ao Tapajoz, e por este ao Amazonas, onde em vez de procurar o oceano, que está perto, navegará rio acima até a confluencia do rio Negro, que subirá até a embocadura do Cassiquiario, passando felizmente por cima de cachoeiras que estão a léste dessa embocadura. Continuando a subir, chegará ao Orenoco. Neste rio o Sr. Maury fará passar miraculosamente o vapor pelas cataractas do Aturés e de Mayapurés, e chegará felizmente ao mar dos Carahybas!

O heróe de Servantes, combatendo os moinhos de vento, cede a palma do ridiculo ao argonauta que se propuzer a executar este plano, ou que o inculcar ao mundo como idéa realizavel.

Imaginemos por um momento que deixa de ser um sonho, uma chimera, o projecto de navegação de Buenos-Ayres para o mar das Antilhas, e para o golpho do Mexico, pelo centro do continente sul-americano até á foz do Orenoco. Imaginemos que a mão de Deus achata a cordilheira que separa as aguas do Prata das do Amazonas, e que assim tambem procede sobre a serra de Parima, e toda essa cordilheira que divide as bacias do Amazonas e do Orenoco. Perguntaremos: qual póde ser para as cidades das encostas atlanticas da America do Sul, e ainda mesmo para Montevidéo, Buenos-Ayres, e todas as praças das republicas da confederação argentina, a vantagem de marchar o commercio para o mar das Antilhas, e para esse outro (o golpho do Mexico) onde o Mississipi entorna o excedente de sua producção e a sua riqueza (como diz o Sr. Maury); quando não ha o mais pequeno obstaculo que embarace a marcha directa dos productos sul-americanos para o grande mercado do mundo no continente europeu? Por ventura os vapores de Marselha, do Havre, de Lisboa e de Southampton deixarião o vasto caminho do oceano atlantico, maxima estrada real da natureza, para se emaranharem nos rios e canaes abertos na região das nuvens, para chegarem ao mar dos Carahybas? Ninguem ousará dizer que sim.

Logo os Norte-Americanos serião os possuidores exclusivos dessa via fluvial; logo os paizes centraes, como Bolivia e Perú, ficarião á mercê do maior poder maritimo do mundo, que os absorveria em pouco tempo. Logo..... Agora perguntaremos ainda.—Que ganharia a humanidade, a civilisação e o christianismo com esse crescimento espantoso da republica de lingua ingleza?

Felizmente a justiça de Deus, para punir os peccados dos Americanos do Sul, não precisa dar-lhes a sorte dos Texanos. Felizmente não ha de ella achatar as cordilheiras, que talvez levantou para traçar os limites da grandeza dos imperios.

Mas, dirá o Sr. Maury: « Qualificais de chi-
« merico o meu projecto, e eu não posso concordar
« comvoscó; 1°, porque pelo rio Negro e pelo
« Cassiquiario se póde chegar ao Orenoco; 2°,
« porque M. de Castelnau viu os braços dos dous

« maiores rios do mundo, o Prata e o Amazonas, « surgindo da terra a seus pés e entrelaçados um « com outro ; e na fazenda do—Estivado— viu o « —Amola—tributario do Cuyaba, e outro rio (tri- « butario do Tapajoz), e reconheceu a facilidade « de unir as *correntes gigantescas* (do Amazonas « e do Prata) por isso que o dono da casa tentára « revirar um dos rios para regar o seu jardim. Não « é só nesse logar (dirá ainda o Sr. Maury) que o « sabio viajante francez reconheceu a praticabili- « dade e a facilidade de estabelecer-se a communi- « cação dos dous rios, que vós inculcais eterna- « mente separados. Em Macu M. de Castelnau reco- « nheceu que se dá phenomeno igual ao do Esti- « vado ; além disto o sargento João de Souza achou « um tunel natural, chamado o Sumidouro, e por « elle fez *passar uma canôa.* »

A' vista disto, rogaremos ao Sr. Maury que preste um pouco de attenção ao que vamos dizer, no intuito de demonstrar que uma navegação por vapores, não interrompida, desde o Prata até o Amazonas, e deste até o Orenoco é uma chimera, uma completa chimera.

Comecemos pelo que respeita á communicação das bacias do Amazonas e do Orenoco, prevenindo desde já ao Sr. Maury de que nesta demonstração nos vamos servir de autoridade indisputavelmente superior á de Castelnau, autoridade que o Sr. Maury seguramente sabe respeitar, porque é a do barão de Humboldt.

Admittamos que a navigabilidade do rio Negro é sufficiente para barcas de vapor ainda até a confluencia do Cassiquiario, o que não é, porque antes della existem cachoeiras que os vapores não poderão subir. Para dessa confluencia proseguir-se até o Orenoco será preciso subir este pequeno rio, sem profundidade, sem agua para a navegação a vapor, e com a velocidade de 6 metros (27 a 28 palmos) por segundo, velocidade seis vezes maior que a dos rios da Europa. Ouçamos o barão de Humboldt.

« O cometa de 1680, que percorreu 393 kilome- « tros por segundo no seu perihelio, e cuja veloci- « dade é então 13 vezes maior que a da terra, não « se move no seu aphelio senão á razão de 3 me- « tros por segundo, que é pouco mais ou menos o « triplo da velocidade de nossos rios da Europa, « e sómente a metade da que eu constatei n'um « dos braços do Orenoco, o Cassiquiario. » (Cosmos, 1° vol., pag. 121.)

Na Europa, com o soccorro da vela, sobe-se o Rheno e o Rhodano, que teem a velocidade de 2 metros por segundo ; mas quando essa velocidade chega ao limite superior (quatro metros) apenas se desce, e mediante cautelas e precauções.

Ora, se com o soccorro da vela póde-se apenas vencer uma torrente de 2 metros por segundo, poderá um vapor conseguir effeito tres vezes maior?

Vamos agora a ouvir o eloquente autor dos Quadros da Natureza a respeito de embaraços oppostos á navegação do Orenoco.

« As cataractas de Maypurés não são dessas mas- « sas d'agua que d'um jacto se precipitão, como o « Niagara, de uma altura de 140 pés: tambem não « são desses passos estreitos, como o Pongo de « Manseriche no rio das Amazonas, que a corrente « atravessa com velocidade accelerada. As catarac- « tas de Maypurés se apresentão como um todo de « innumeraveis pequenas cascatas, que gradual- « mente se succedem. O *raudal*, nome que os Hes- « panhóes dão a esta sorte de cataractas, é forma- « do por um archipelago de ilhotas e de rochedos, « que estreitão o leito do rio (que tem oito mil pés « de largura) a ponto de que muitas vezes não fi- « cão mais de 20 pés para o livre curso das aguas. « Actualmente o lado oriental é muito menos ac- « cessivel, e mais perigoso que o lado occidental.

« Na embocadura do Cameji descarregão-se as « mercadorias, e abandona-se a canôa vazia, ou, « como se chama no paiz,—a piragua—a Indios « familiarisados com o *raudal*, os quaes conduzem « o barco até á embocadura do Toparo, onde se « considêra que tem acabado o perigo. Quando os « travessões ou degráos, a cada um dos quaes se dá « um nome particular, não teem mais de dous a tres « pés de altura, os indigenas se arriscão a descer « nas embarcações. Quando porém navegão rio- « acima, nadão em frente, conseguem depois de « grande esforço passar uma corda em torno de « pontas de pedras salientes, e desse modo ição a « sua embarcação. Durante este trabalho penivel « muitas vezes o barco se enche totalmente d'agua, « e outras vezes sossobra.

« Dá-se tambem o caso unico de que os indige- « nas se temem de quebrar-se a canôa contra o ca- « chopo. Então os barqueiros, com o corpo en- « sanguentado, procurão escapar-se dos rodopios, « e attingir a nado a margem proxima. Lá onde os « degráos são mais elevados, e onde as rochas atra- « vessão o leito de lado a lado, puxa-se para terra « o barco, e sobre rolos se o conduz ao longo da « beirada para o ponto conveniente. »

Estas cataractas, tão bellamente descriptas por Humboldt, teem uma milha de comprimento. Vejamos as de Aturés.

« O *raudal* de Aturés assemelha-se inteiramen-
« te ao de Maypurés. E' como elle, um grupo de
« innumeraveis ilhotas, entre as quaes o rio se aper-
« ta na extensão de tres a quatro mil toezas, (cêrca
« de uma legua brasileira.) »

. . . . . .

Além destas cataractas o Orenoco tem ainda outros pontos onde a navegação por vapores é impossivel.

Para evitar a navegação na parte occupada pelas cataractas de Maypurés, Hamboldt, aproveitando-se do favor das circumstancias do terreno que fica na margem esquerda do Orenoco, entre as confluencias do Cameji e do Toparo, no intervallo das quaes reconheceu pequena differença de nivel, propoz ao govêrno de Venezuela a abertura de um canal, que seria alimentado pelas aguas destes dous affluentes do Orenoco. Mas não apontou, não propoz outros iguaes, ou semelhantes meios para se evitar a rude passagem pelas cataractas de Aturés, e de outros pontos, como o sitio na embocadura do Méta. Demais os canaes abertos ao lado de um rio, para evitar passos difficeis, a menos que não sejão revestidos de cantaria, não poderão comportar a navegação a vapor, porque o movimento impresso ás aguas pelas rodas escavaria o canal, tanto nas paredes como no fundo, e dentro em pouco torna-lo-hia tão escabroso, tão inconveniente como um pequeno braço de rio.

Ora, prescindindo da existencia de obstaculos insuperaveis á navegação a vapor, taes como a velocidade de 28 palmos por segundo, no Cassiquiario, as cachoeiras do rio Negro, as cataractas de Aturés, Maypurés, qual poderia ser o interesse commercial que aconselhasse a emprehender a navegação do Amazonas ao Orenoco pelos rios Negro e Cassiquiario, quando nada é mais facil, para qualquer sorte de barcos mercantes, que as viagens da foz do Amazonas á do Orenoco? Por ventura o pensamento de attrahir toda a navegação, custe o que custar, para esse mar onde desagua o Mississipi, não é pensamento egoistico e monopolisador?

Entremos agora na demonstração de impraticabilidade de uma communicação fluvial do Prata com o Amazonas, já para barcas de vapor, já para outros vasos de menor calado d'agua, mais apropriados para o transporte de mercadorias.

Que essa communicação não existe, prova-o tudo quanto se sabe e se tem dito sobre ella, provao-mesmo a asserção de Castelnau, que falla apenas de sua possibilidade pelo que ouviu ao dono da fazenda do—Estivado,—que tentára desviar o curso de um rio, isto é, de um pequeno, de um insignificante ribeiro, para regar o seu jardim. Que tal communição não é realizavel, basta o bom senso, ajudado de algumas considerações, para demonstra-lo.

Em toda a longa memoria do Sr. Maury o leitor ha de ver a qualificação de—navegavel—barateada a todos os rios do continente sul americano; (e, o que mais admira) essa navigabilidade se entende que é para barcas de vapor. Esquece portanto, ou de proposito omitte o Sr. Maury, que a distancia das nascentes, a fórma accidentada das regiões percorridas, e o clima ou o complexo de circumstancias atmosphericas que o fazem variar de um a outro ponto de qualquer continente, devem de necessidade influir, e influir poderosamente: 1°, sobre a possança dos rios ou sobre a quantidade d'aguas; 2°, sobre a sua velocidade; 3°, sobre o seu regimen nas diversas estações.

Admittir pois que rios como os affluentes do Cuyabá, do Arinos e Tapajoz, e como alguns dos affluentes do Madeira, nascidos em alturas espantosas acima do nivel do mar, onde as chuvas são menos copiosas, e onde os pequenos rios arrastão no curso enormes pedras, é admittir que não ha limites para a navegação fluvial, ainda que seja a vapor.

O leitor que nos honrar com sua attenção, olhando para um mappa qualquer do imperio do Brasil (pediremos a preferencia para o grande mappa do Sr. coronel Conrado Jacob de Niemeyer), verá que quando se tem subido até o porto da cidade de Cuyabá, tem-se deixado á direita e á esquerda rios muito mais volumosos que o mesmo Cuyabá. A natureza, permittindo que até ali se navegue sem encontrar uma cachoeira, uma correnteza invencivel, poz logo acima do sitio em que se acha o arsenal de marinha de Matto-Grosso o travessão denominado — Cachoeira do Pary, — como limite da commoda navegação. Da cachoeira do Pary para cima, as aguas do Cuyabá não offerecem mais que 10 a 12 leguas para navegação de canôas e de balsas de madeira, através de cachoeiras, e com diminuição progressiva de largura e de profundade. Ora, do porto da cidade de Cuyabá até o alto da Serra do Diamantino ha uma distancia de 30 leguas por estrada, e de mais de 45 pelo alveo do Cuyabá e dos ribeirões que o formão. Cessou portanto a navegação franca para o lado do

rio da Prata a 30 leguas do sitio em que se achou Castelau. O mesmo facto se dá para o lado do Tapajoz. Se assim não fôra, que necessidade teria o commercio de Cuyabá de ir embarcar n'um porto do Arinos, a 40 leguas de distancia; que necessidade teria a provincia de manter um destacamento no Salto Augusto para auxilio aos navegantes na passagem perigosa da cachoeira desse nome? Que necessidade haveria de escolher-se a estação em que certos canaes nas cachoeiras teem a profundidade necessaria para passagem de canôas? Que necessidade haveria de preferir canôas, que só exigem tres palmos de profundidade e tripolação numerosa, quando o vapor com outra capacidade 10, 20 e 30 vezes maior, exige pessoal menor, e marcha com celeridade, por si só capaz de quadruplicar os lucros de um tal commercio?

De facto, tomando a distancia entre o Cuyabá navegavel por vapores, e o Tapajoz tambem navegavel por iguaes barcos, achar-se-ha uma linha recta de cêrca de 80 leguas. Haverá quem se atreva, haverá quem projecte a abertura de um canal para pôr em communicação os pontos navegaveis desses dous rios?

Quando n'um rio, acima e abaixo de uma cachoeira, penetrão do mesmo lado outros dous rios, não havendo entre estes grande differença de nivel, será possivel, será mesmo facil estabelecer um canal ao longo da parte obstruida, e esse canal será alimentado com as aguas dos affluentes. E' o caso do Orenoco, nas cataractas de Maypurés, acima e abaixo das quaes entrão os rios Canoji e Toparo, ficando entre as suas confluencias terreno sensivelmente plano, e que se prestava á abertura de um canal. Assim praticou Humboldt, que não fez o mesmo para se evitar o passo difficil e perigoso das cataractas de Aturés. Mas quando, pelo contrario, existe entre dous rios navegaveis uma distancia de 80 leguas, e uma cordilheira, correndo esses rios em sentido opposto, como o Cuyabá para sudoeste, e o Tapajoz para o Nordeste, de modo que se não póde illudir com rodeios a necessidade de transpor alturas, é preciso confessar que esses rios estão para a navegação incommunicaveis, embora pequenos regatos na serra de nascimento commum serpenteem a poucos passos um do outro.

Que qualificação mereceria o projecto de um canal de 80 leguas de comprimento através de uma cordilheira? Que qualificação mereceria esse projecto, se em vez de canal se tratasse de um tunel de fundo liquido, por meio do qual se passasse com vapores das aguas navegaveis do Cuyabá, ou do alto Paraguaya para as aguas navegaveis (já se sabe que por vapor) do Tapajoz?

No interior do Brasil, e mais ainda nesses logares onde nascem os tributarios do Cuyabá, do alto Paraguaya, do Arinos, do Tapajoz, etc., dão-se perfeitamente duas estações: a chuvosa, que começa em outubro ou novembro, e se estende até abril, e a estação secca, de maio até outubro, e que ás vezes se estende até novembro. A regularidade destas duas estações é apenas perturbada em janeiro durante 15 a 20 dias, que se passão seccos, e no mez de agosto, em cujo decurso apparece um pequeno aguaceiro denominado—chuva de cajú.—Em consequencia dessa regularidade os rios descem de nivel desde maio até setembro, descem constantemente, e chegão no fim da estação secca a tão pequeno volume d'agua, que nas partes arenosas e mais expostas a insolação, atravessa-se um rio de 80 a 100 palmos de largura a pé enxuto: é o que se chama — rio cortado. — Então os animaes das florestas circumvizinhas, obrigados pela sêde, passão o dia nas margens e no leito do rio: as aves que vivem em grandes bandos cobrem as praias: os poços, isto é, as cavidades que conservão aguas fundas, estão povoados de peixes. Nesta quadra entregão-se os sertanejos ao lucrativo trabalho da caça e da pesca.

Entrão as chuvas, dá-se logo uma scena opposta. As aguas crescem rapida e espantosamente: nos primeiros dias tão rapida é a enchente como a vasante: passado o primeiro mez, estabelece-se o nivel medio das grandes aguas, e a velocidade impede a navegação ascendente. Nos dias de chuvas copiosas essa velocidade é a da setta, e não permitte a subida nem tão pouco a descida, pela difficuldade opposta ao governo das embarcações. Eis-aqui o que se passa nos tributarios do Cuyabá, como o Cuxipo-mirim, o Cuxipo-assú, nos tributarios do alto-Paraguaya, como o rio Sant'-Anna, nos tributarios do Araguaya e do Tocantins no seu curso superior, como os rios Claro, Vermelho, do Peixe, Crixar, Uruhu, das Almas, etc., etc.

Todos estes rios adquirem nas maximas enchentes um volume que é de 300 a 400 vezes maior que o das mais baixas aguas: então sua velocidade é maior em quasi todo seu curso que a do Cassiquiario, de 6 metros por segundo. Não são portanto navegaveis na estação secca por falta d'aguas, na estação chuvosa pelas cachoeiras e pelas corrente-

zas, de velocidade rara e talvez desconhecida na Europa e na America do Norte.

Como excepção da regra geral, em virtude da qual as proporções que constituem a navigabilidade diminuem da foz para as nascentes, dá-se entre nós a existencia de taboleiros navegaveis acima de regiões obstruidas, no rio Parahyba, no de S. Francisco, no Mamoré, affluente do Madeira, etc. O Parahyba admitte pequena navegação á vela e a vapor desde sua foz, no oceano, até á cidade de Campos, no decurso de 19 milhas (de 60 ao grão equatorial). Essa mesma navigabilidade desapparece emquanto o rio atravessa a rica e populosa região do café, nas provincias do Rio de Janeiro e de S. Paulo, onde, já perto das nascentes, tem novamente um pequeno curso navegavel.

O rio de S. Francisco, pela magestosa serie de cataractas, denominada cachoeira de Paulo Affonso, não é navegavel até o oceano, mas desde o topo da cachoeira até ás partes mais occidentaes da provincia de Minas existe excellente via fluvial, que só espera um caminho de ferro para fazer a felicidade de um sertão magnifico.

Subindo pelo Amazonas para a antiga Villa Bella, capital de Matto-Grosso, encontrão-se no rio Madeira cachoeiras medonhas em numero de 12, além de outros embaraços denominados rapidos ou corredeiras. Proseguindo pelo Mamoré, cinco outras cachoeiras se oppoem ao navegante. Mas póde-se depois avançar desde a 17ª cachoeira desta via fluvial (que outros numerão como 19ª, por chamarem cachoeira a dous sitios que La Cerda assim não denomina), até Villa Bella, penetrando pelo Guaporé, e com 245 leguas de navegação suave.

Não se dá caso igual na região dos affluentes brasileiros do rio da Prata, vizinhos de affluentes amazonios.

Forçoso é pois concluir que é impossivel estender-se a navigabilidade desses affluentes, até os da bacia do Amazonas.

A mesma argumentação, as mesmas considerações fazem reconhecer igual impossibilidade a respeito da communicação dos mais accidentaes affluentes do Amazonas e do Prata, que nascem na mesma serra, isto é, o Aguapehy e o Alegre.

Portanto a empreza de communicar a navigabilidade do Prata com a do Amazonas é, como dissemos, uma chimera. Portanto a poesia de Castelnau arrastou o Sr. Maury a emittir e a revestir com pintura seductora um projecto irrealizavel, uma perfeita chimera.

CAPITULO IV.

Noticias ácerca da bacia do Tocantins. — Rectificações. — Informações inexactas e não autorisadas por Castelnau. — Silencio do escriptor norte-americano a respeito das cachoeiras do Tocantins, que difficultão o estabelecimento da navegação a vapor. — Descuido imperdoavel, ou falta de sinceridade e boa fé. — Navegação de vapores brasileiros até Nauta e Loreto no Perú. — Construcção de vapores peruanos no arsenal brasileiro do Pará. — Influencia das causas physicas e das causas moraes sobre os phenomenos historicos. — Preponderancia maritima. — Modestas aspirações do Brasil.

Passando a rectificar enganos e informações inexactas ácerca da capacidade das vias fluviaes e dos recursos commerciaes da provincia de Goyaz, teremos occasião de pôr em relevo a má vontade do Sr. F. Maury para com os Brasileiros, e a força que o arrastou a hostilisar-nos desabridamente. No capitulo precedente vimos que o escriptor norte-americano, versado na leitura de Castelnau, deu noticias menos veridicas, e abrigou em seu espirito esse chimerico projecto de acarretar para os portos da sua terra toda a producção e riqueza da America do Sul. Agora vamos ver que a respeito de Goyaz, da navegação do Tocantins, e dos recursos que se podem tirar desde já dessa bacia fluvial, não só induz o leitor a erros, como até omitte informações importantes, o que nenhum escriptor consciencioso faria, principalmente quando só essa omissão o pudesse autorisar a tirar certas e determinadas consequencias.

Confessa o Sr. Maury que estando ainda ás escuras a respeito da presente condição de commercio e recursos de affluentes do Amazonas, taes como o Xingú, o Tapajoz, e outros rios, tomára para termo de comparação o Tocantins: assevera depois que tudo quanto diz a respeito do Huallaga e do Madeira deve ás informações de seus patricios Herndon e Gebbon, bem como a M. de Castelnau, e que ácerca do Tocantins se acha esclarecido pelo viajante francez sómente.

Sendo assim, toda vez que deixarmos a descoberto a infidelidade de certas noticias, não transcriptas fielmente de Castelnau, e omissões inqualificaveis a respeito de uma importante questão, qual é a da navigabilidade ou innavigabilidade do Tocantins por vapores, teremos adquirido direito a duvidar do respeito do escriptor norte-americano á verdade, nesta questão, e até a duvidar da boa fé que presidiu á redacção do seu escripto.

Começão as inexactidões do Sr. Maury pelo calculo da população da cidade de Goyaz, capital da provincia deste nome, e pela noticia de chegarem até uma ponte dessa cidade os barcos que sobem do Pará; depois estendem-se por todas essas noticias que dá a respeito de villas e aldêas florescentes na bacia do Tocantins; acabão finalmente nas conclusões que tira de não terem ainda os Brasileiros lançado uma barca de vapor sobre aquelle rio.

Antes de entrarmos na apreciação do merito dessas noticias, convem desde já recordar ao leitor que a provincia de Goyaz não se acha toda inteira no valle do Tocantins, mas que tres bacias fluviaes a cortão, a saber: a do Araguaya, que infelizmente está quasi totalmente deserta; a do Tocantins e a do Paranahyba. As duas primeiras chegão na verdade a reunir-se, porém já na divisa com a provincia do Pará. A bacia do Paranahyba, que é inteiramente distincta, e que faz parte da do rio da Prata, contém municipios dos mais prosperos da provincia, ou susceptiveis de rapido incremento, como são o Catalão, Santa Cruz, Santa Luzia, Formosa e Bom-Fim. Municipios como os de Meia-Ponte, Jaraguá e Flôres, se bem que regados por pequenos rios que vão engrossar o Tocantins, achão-se todavia fóra da acção do actual commercio dessa via fluvial. Das tres unicas villas que se achão á beira do Tocantins, a Carolina, o Porto Imperial e a Palma, só nas duas primeiras se tem observado alguma prosperidade, que já se não observa na terceira. Os restantes municipios que se achão na bacia do Tocantins, como são Cavalcanti e Arraias, por exemplo, não teem prosperado, e se achão de tal modo distantes da influencia do commercio pelo Tocantins, que, em nossa humilde opinião, ha de mais depressa aproveitar-lhes a navegação a vapor no rio de S. Francisco.

E' portanto inexacto o Sr. Maury quando diz: « Na bacia deste rio (o Tocantins) contão-se muitas villas e aldêas florescentes. » Mais inexacto é ainda quando accrescenta: « uma dellas é Salinas, que deriva o seu nome do sal que dahi se extrahe. »

Nesta só proposição existem pelo menos tres inexactidões: a primeira é dizer-se que Salinas, isto é, a pequena povoação da Boa-Vista, perto da qual estão as salinas ou os campos, e o lago em que brota o salgemma, se acha no valle do Tocantins, quando pelo contrario está situada no do Araguaya, ficando o lago a 7 leguas de distancia, e os campos de sal sómente a 3. A segunda é a denominação de villa ou de aldêa, pois que esse pequeno povoado é uma parochia a que está, por assim dizer, encostado um aldeamento de Indios Chavantes. Quanto a seu estado de prosperidade, seria fastidioso transcrevermos aqui as informações que tivemos occasião de dar ao governo provincial de Goyaz acêrca dessa povoação, do aldeamento e dos meios de melhora-lo. Tambem seria fastidioso examinar o que diz Castelnau na sua obra — *Expedition dans les parties centrales de l'Amerique du Sul*, — para dahi deduzir a qualificação que merece a povoação Salinas. Offerecemos por isso ao Sr. Maury o seguinte extracto de um officio, escripto em 1844 pelo mesmo Castelnau ao ministro do interior em França, dando-lhe uma noticia summaria da sua viagem de descida pelo Araguaya e subida pelo Tocantins.

« Não entrarei em detalhes sobre a viagem que « fiz da capital de Goyaz a Crixaz, passando pela « aldêa dos Chavantes do Carretão. . . . .

. . . . . .

« A 14 de abril chegámos á aldêa de Salinas. « Esta pequena povoação está situada a uma legua « de distancia do rio Crixaz, que é um dos braços « do Araguaya; é de mui pouca importancia, e a « sua população compõe-se pela maior parte de « Indios Chavantes. Ha ahi um posto militar « commandado por um sargento, e os Indios Ca- « rajahis fazem-lhe repetidas visitas, trazendo-lhe « objectos de permutação, como são arcos, flechas, « araras, etc.

« Fez-me muita impressão *a miseria que reina « neste logar*, e muito receei não poder ahi arran- « jar o meu equipamento maritimo, e ainda mais « por se me haver asseverado que não havia em- « barcação alguma que pudesse servir para uma « semelhante viagem, e que me seria impossivel « encontrar piloto e viveres de qualquer qualidade « que fosse: comtudo, graças á actividade do com- « mandante, etc., etc. »

Ora, eis-aqui a pobre povoação da Boa Vista, chamada Salinas modernamente, elevada pelo Sr. Maury á categoria de villa ou de aldêa florescente no valle do Tocantins.

Já se vê portanto que o escriptor norte-americano desviou-se do seu guia quando lhe aprouve fallar á imaginação e ao coração dos seus leitores. E não foi só a respeito desta povoação que taes desvios se praticárão. Castelnau diz que ha um lago donde se extrahe um marisco que contém perolas; mas o Sr. Maury achou melhor dizer:

« Junto ao lago do sal de Salinas está o Lago das « Perolas, assim *chamado pela sua formosa vegeta-* « *ção e immensa quantidade de aves aquaticas que* « *o habitão.* »

Conclue portanto o Sr. Maury que quando um lago tiver em roda vegetação formosa, e fôr povoado de aves aquaticas, se deverá chamar — Lago das Perolas!

Se neste ponto houve irreflexão, veja o leitor o que se póde dizer do seguinte:

« A população da provincia (Memoria do Sr. « Maury, cap. 6º), é de 125,000 almas, compre- « hendidos nesse numero 25,000 escravos.

« Teem havido occasiões (Memoria do Sr. Maury, « no mesmo cap. 6º) de estarem empregados 100 « mil escravos nesta provincia sómente na colheita « do ouro. »

Ora, se a população é de 125,000 mil almas, comprehendidos nesse numero 25,000 escravos, d'onde sahem os 100,000 escravos só para a colheita do ouro?

Não ligamos a mais pequena importancia ao computo errado da população existente na cidade de Goyaz, que é de 3,000 almas, e não de 7 a 8,000, como diz o Sr. Maury; porque esse engano não procede, como muitos outros, de sua vontade, mas só da leitura de Castelnau. Não succede porém assim pelo que respeita ao ponto até onde chegão ou podem chegar os barcos vindos do Pará. O viajante francez diz:

« O rio Vermelho é uma das nascentes do Ara- « guaya, e tem-se visto barcos sahidos do Pará « chegarem a atracar na grande ponte (*et l'on a vu* « *des bateaux partis du Pará venir s'amarrer au* « *grand pont*) todavia é só a quatro leguas abaixo « da cidade que elle é verdadeiramente navegavel « (*cependant ce n'est qu'à quatre lieux au dessous de* « *la ville qu'il est vraiment navigable.*)

Entretanto o Sr. Maury diz com muito maior latitude: « A cidade de Goyaz, capital da provin- « cia deste nome, com uma população de 7 a 8 « mil almas, está situada sobre o rio Vermelho, « celebre pelas suas areas de ouro. Este rio, em « frente da cidade, tem perto de 20 passos de lar- « gura: *os barcos que sobem do Pará chegão até uma* « *ponte que ahi ha.* »

Offerece portanto o Sr. Maury uma informação muito mais lisongeira que o seu guia nesta materia; o qual ainda não foi completamente exacto, como passamos a demonstrar.

O rio Vermelho, que atravessa a cidade de Goyaz, e a divide em duas partes sensivelmente iguaes, nasce na serra do Ouro-Fino, a 5 leguas da capital de que se trata. Neste pequeno trajecto, e ainda proseguindo outras 5 leguas até o arraial da Barra, tem o seu leito de tal sorte empedrado e cheio de resaltos, é ainda tão pobre de aguas, e tão veloz, que não admitte navegação, nem sequer fluctuação para balsas de madeira.

Depois que a 10 leguas de sua origem conflue nelle o rio Bugres, logo apoz da juncção das aguas do Bagagem e de outros grandes ribeirões, começa a ser navegavel por pequenas canôas, e ainda com difficuldades. Trabalhos executados em cachoeiras existentes do arraial da Barra por diante, auxiliados pela affluencia dos rios Tapirapoão e Ferreiro, permittem que nessa região naveguem barcos dos que sobem ao Pará, os quaes exigem sómente tres a quatro palmos de profundidade. Mas isto mesmo se consegue mediante penoso esforço em passar pequenas porém amiudadas cachoeiras e correntes, e nem tanto se consegue nos mezes de estação secca, nem com os barcos grandes carregados.

Na distancia que vai da cidade de Goyaz até o Lago dos Tigres, ultimo importante affluente do rio Vermelho, nessa distancia de 18 leguas em linha recta, e de cêrca de 42 pela volta do rio, a experiencia tem convencido de que não se póde contar com a navegação. E' só da embocadura desse bello e magestoso lago para baixo que começa a boa navegação, que ainda assim é interrompida, ou antes deve ser considerada como perdida nos tres mezes de rigorosa secca.

Em consequencia disto, n'uma breve memoria escripta em 1852, o engenheiro que percorreu e explorou o rio Vermelho propoz a abertura de uma estrada, desde a cidade de Goyaz até o Lago dos Tigres, e que n'um ponto escolhido nessa passagem se assentasse uma colonia.

Ora, já se vê que vai muita distancia de tudo isto para a lisongeira noticia que nos dá o Sr. Maury, ampliando a seu paladar o que disse Castelnau.

Está ao alcance de qualquer intelligencia, que é, e não póde deixar de ser, da mais subida importancia para um mercado central e pequeno, que a navegação de importação e de exportação comece logo ás portas da cidade, ou de um ponto deserto, e que fica a 18 leguas de distancia em linha recta. Além disto, se esse mercado não tiver actualmente, como de facto não tem, productos adequados a exportação, faltará ás emprezas de commercio, pelas vias

fluviaes, um grande elemento de prosperidade. Se em Goyaz os preços correntes do café e de outros fossem aquelles que o Sr. Maury apresenta; e se com elles ficassem os productores satisfactoriamente pagos, ainda bem. Mas taes preços, e isso é facil explicar, são muito diversos, e muito maiores, até que os dos mercados de beira-mar.

Comparemos a tabella do Sr. Maury, com a que estamos autorisados a dar como verdadeira.

Tabella dos preços ordinarios dos generos de lavoura e industria na provincia de Goyaz, segundo o Sr. F. Maury.

Uma libra de café	60
» » de assucar . . .	60
» » de tabaco. . . .	80
» » de algodão . . .	20
Couros crús	400
Gado vacum por cada cabeça .	4$000 a 6$000
Um meio de sola	1$300

Tabella dos preços por que effectivamente se vendem esses generos.

Uma libra de café no varejo 200 rs., por atacado. . .	160
Uma dita de assucar no varejo de 150 a 180 rs., por atacado	120 a 150
Um rolo de fumo	5$000
Um palmo no varejo . . .	40
Uma libra de algodão. . .	80 a 120
Uma vara de dito no varejo de 300 a 400 rs., e por atacado	200 a 280
Couros crús pequenos . .	1$000
Ditos grandes	1$500
Uma vacca de leite . . .	12$000 a 16$000
Um boi de córte	10$000 a 16$000
Um dito de carro de. . .	12$ a 20$ e 24$000
Um meio de sola	2$500 a 3$200

Ainda que os preços dos generos da lavoura na provincia de Goyaz tivessem preços iguaes aos das praças no littoral, não poderião as mercadorias de que fallou o Sr. Maury ser as de exportação vantajosa. O café não poderia sustentar concurrencia com o do Rio de Janeiro, Minas e S. Paulo, nem mesmo com o que se cultivasse nas provincias mais septentrionaes, cujo clima, cujas producções, são quasi as mesmas que as de Goyaz. O assucar dali, mais caro em primeira mão que os de Santos, Rio de Janeiro, Bahia, Alagôas, Pernambuco e Parahyba, e preparado em fabricas atrazadas, onde o caldo da canna é extrahido em cylindros de madeira e verticaes, está fóra de concurrencia. O tabaco, sem duvida bom, mas que não iguala ao magnifico e acreditado das provincias do Pará e da Bahia, tem adiante de si esses outros que o excluem. O algodão, por melhor que seja, não póde correr parelhas com o de Pernambuco e o do Maranhão.

Tal é o resultado de existirem climas iguaes aos de Goyaz, em provincias que lhe ficão á léste, e que são banhadas pelo oceano.

Restão o gado vaccum, a sola e os couros crús, generos que Goyaz effectivamente exporta, não da capital da provincia ou dos municipios mais proximos, porém das villas da Palma, do Porto Imperial e da Carolina, bem como dos municipios jacentes na divisa com Minas Geraes.

Seria preciso que nas praças commerciaes de beira-mar se pagasse o café a 12$000 a arroba, e o assucar a 9$000 e 10$000, para que taes generos pudessem descer da provincia de Goyaz, porquanto o frete, sómente o frete regular e de antiga data estabelecido é de 5$000 por arroba, quer na subida, quer na descida.

Menores fretes podem ser estabelecidos das villas de Porto Imperial e de Palma para o Cametá e Belém, na provincia do Pará, e ainda menores da villa da Carolina. Mas a que distancia se acha o Porto Imperial da cidade de Goyaz e dos municipios em que se cultiva o café? A 144 leguas pelos caminhos do sertão, intransitaveis na estação dos rios cheios, e a 180 leguas caminhando pelos povoados. E a que distancia se acha a Carolina da cidade de Goyaz? A 300 leguas, de modo que é mais breve e mais facil viajar de Goyaz á côrte do que ir á Carolina; assim como é preferivel seguir de Carolina á côrte pelo centro da provincia do

Maranhão, do que ir até a capital de Goyaz, ou á região em que prospera o café. Resulta de tudo isto que, embora se possa da Carolina para os mercados de Belém e de Cametá receber um frete de 2,000 por arroba, como dá o Sr. Maury, essa feliz circumstancia não póde ser aproveitada pelas demais povoações da provincia.

Se nos fosse licito, desviando-nos do nosso objecto, indicar ao Sr. Maury os verdadeiros recursos da provincia de Goyaz, escreveriamos com prazer as considerações que nos fazem acreditar na necessidade de dar preferencia á cultura do anil, do chá, da amoreira e da vinha, e á criação dos gados vaccum, cavallar e ovelhum. Recordariamos com deleite as vantagens de um clima salubre e de uma aptidão singular para essas culturas que julgamos preferiveis. Dariamos uma idéa dessas vastas e pingues pastarias, onde, mediante o emprego do sal, póde-se elevar a criação dos gados a uma escala cem vezes maior, e não deixariamos de mencionar a riqueza de pedra calcaria, bem como a abundancia de arvores, cuja casca rica em tanino offerece com aquelle mineral os dous indispensaveis agentes para o cortume dos couros.

Tambem se nos fosse licito indicar agora, como já o temos feito em occasião, a nosso ver opportuna, as medidas que reputamos adequadas ao estabelecimento da navegação a vapor nos rios da provincia de Goyaz, poderiamos transcrever o que a esse respeito dissemos já, e accrescentar as reflexões que nos tem suggerido o estudo desta questão.

Mas não se trata de disputar ao Sr. Maury o premio pelo melhor trabalho ácerca dos meios de fazer prosperar a provincia de Goyaz; trata-se sómente de ajudar o leitor a reconhecer que o illustre cidadão norte-americano não se exprimiu com justeza, não avaliou com acerto os recursos do paiz, não deu a devida importancia aos obstaculos oppostos pela natureza; e que pelo contrario omittiu circumstancias de que tinha perfeito conhecimento, afim de poder chegar a certa ordem de consequencias.

Se o illustre escriptor norte-americano caprichasse em se exprimir com justeza, não ampliaria as informações bebidas em Castelnau com o fim de nos poder qualificar de indolentes e fracos: se avaliasse com acerto os recursos do paiz de que fallava, não se lembraria de fazer exportar de Goyaz café e assucar, mórmente o assucar, quando esse genero, preparado nas grandes fabricas da Bahia e do municipio de Campos (na provincia do Rio de Janeiro) está seriamente ameaçado de ser excluido pelo de beterravia manufacturado na Europa. E não reflectiu o Sr. Maury que sendo o ferro mais caro em Goyaz que nos portos de beira-mar, na razão de um para tres e de um para quatro; e que custando o sal a 10$ e a 12$000 o alqueire, e que tambem estando as fabricas do interior do Brasil grandemente atrazadas, não poderião o café e o assucar ser mais baratos que no Rio de Janeiro. Nem ainda reflectiu que ao custo nas fabricas se deveria juntar um frete qualquer que fosse, mas sempre regulado pelas distancias aos grandes mercados do oceano.

Não deu, dissemos nós, a devida importancia aos obstaculos oppostos pela natureza, e *omittiu* circumstancias de que tinha perfeito conhecimento, afim de poder chegar, mediante a pintura de um quadro seductor e deslumbrante, a certa ordem de consequencias. Com effeito, não reflectir, não dar attenção a que a provincia de Goyaz fica ao poente de muitas outras de iguaes climas e de iguaes producções, é não dar a devida importancia a um obstaculo opposto pela natureza. Mas quando além disto se occulta ao leitor que a navegação dos rios de Goyaz não é desimpedida como a do Amazonas e a do Prata, ha mais do que negar importancia, ha omissão, e omissão que não póde ser filha da boa fé, porque em consequencia della o Sr. Maury tirou a seguinte consequencia.

« Eis-aqui pois um rio que entra no Amazonas « (o Tocantins), tão perto do mar, que as aguas « de sua foz são salgadas, e o Brasil não tem tido « a energia de lançar sobre a sua corrente o pri- « meiro vapor. Como poderá elle então effectuar a « navegação de tres mil milhas pelo poderoso Ama- « zonas, e introduzir o vapor nas aguas do Perú, « segundo pretendeu persuadir ao governo daquella « republica que havia de fazer? »

Ora, estando o Sr. Maury empenhado em colher informações a respeito dos recursos commerciaes que offerecem os grandes rios confluentes do Amazonas, não poderia prescindir de informar-se tambem, tanto quanto estivesse a seu alcance, dos recursos offerecidos pela navigabilidade desses rios. Ninguem poderá desconvir em que não é indifferente que haja profundidade, maior ou menor, em que a marcha dos barcos seja ou não interrompida.

M. de Castelnau, que não viu a parte do Tocantins entre S. João das Duas Barras e Belém, onde vão já reunidos o Araguaya e o Tocantins de Goyaz,

diz quanto basta para nos defender dessa accusação maligna do Sr. Maury.

No officio já citado, escripto ao ministro do interior em França, a proposito do armamento que levára na viagem de descida pelo Araguaya, e das difficuldades que ali encontrou, diz elle:

« Comquanto este formidavel armamento fosse « além do que se fazia de mister para affrontar « qualquer ataque da parte das numerosas tribus « que habitão aquella região, *nada era elle contra* « *o perigo ainda mais respeitavel que apresenta a* « *navegação do Araguaya:* fallo das *terriveis cata-* « *dupas* que embaração a sua navegação, e onde « tanta gente tem encontrado a morte. Os indios « Carajahis disserão-nos, por meio de signaes bem « designativos, os terrives perigos que iamos ali « encontrar; e das recompensas que lhes promet- « temos nenhuma foi bastante para os empenhar « a nos acompanhar. »

N'outro periodo diz o mesmo Castelnau:

« Comquanto tivessemos muito soffrido até ali, « todavia só tinhamos superado uma minima parte « dos perigos e difficuldades da nossa empreza. « Elles começárão a 6 de junho, que foi quando « chegámos ás grandes cachoeiras, que se podem « ajuntar em duas,—Carreira comprida,—que tem « duas leguas de extensão, e—Cachoeira-grande,— « que tem tres. »

E' muito provavel, attenta a pouca importancia que o Sr. Maury parece ter dado ás cousas do Brasil até o dia em que se resolveu a ser o apostolo da invasão do Amazonas, é possivel, e até provavel, que não tenha lido esse documento, embora impresso em jornaes francezes e em jornaes brasileiros, inclusive a *Revista* do nosso Instituto Historico. Mas quando se considera que tudo quanto escreve a respeito de Góyaz e do Tocantins é autorisado pela leitura da obra de Castelnau—*Expédition dans les parties centrales de l'Amerique du Sud,*—necessariamente se estranha que não lesse, ou que omittisse o que se acha nessa obra, desde paginas 455 até 464 do primeiro volume; desde a pagina 1ª até á 77 do segundo, e principalmente o que consta das paginas 111 e 112 deste mesmo volume.

Seja-nos permittido, no interesse de justamente avaliar o grão de sinceridade e boa fé com que se accusa os Brasileiros, por não terem lançado um vapor no Tocantins, transcrever dessas paginas aquelles periodos que dão summariamente idéa dos obstaculos oppostos pela natureza á navegação de vapores:

« A 8 (de junho de 1844), sem embargo de nosso « desejo de penetrarmos promptamente nos *Rapi-* « *dos*, afim de mais depressa conhecermos nossa « sorte, os pilotos não quizerão partir senão quando « o sol tivesse chegado sobre o horisonte á altura « sufficiente, para lhes permittir que mais facil- « mente distinguissem as pedras debaixo d'agua; « havia-se reconhecido por impossivel passar o « *Rapido* a remos, e só dous homens da equipa- « gem ficárão em cada uma das embarcações; es- « tavão armados de longos varejões, com os quaes « dirigião destramente as canôas no meio dos ro- « chedos, sobre os quaes a correnteza os levava com « *excessiva* rapidez; os outros homens moderavão « o movimento, retendo as canôas contra a impe- « tuosidade das aguas, por meio de uma corda; « erão assim obrigados a seguir os movimentos da « embarcação, umas vezes a nado, outras vezes « trepando com agilidade sobre os rochedos, cu- « jas cabeças se elevavão acima das aguas espu- « mantes. Em muitos logares o tiro do *Rapido* era « demasiadamente longo para que bastasse a cor- « da para esta manobra; então alguns de nossos « homens se destacavão, e procuravão manter-se a « meia distancia da quéda; e quando a canôa pas- « sava por diante delles com a rapidez da flecha, « apanhavão a corda com incrivel destreza, e sos- « tinhão a embarcação até que seus companheiros « chegassem a se lhes ajuntar: se tivessem dado « um só passo em falso, ou se a linha se tivesse « rebentado, as embarcações ficarião instantanea- « mente espedaçadas. Ainda pondo de parte o in- « teresse directo que nós deviamos tomar nesta « operação, era um espectaculo curioso o que nos « apresentavão estas cinco embarcações, circu- « lando no meio dos rochedos sombrios, ou que se « destacavão sobre ondas de espuma; seu movi- « mento era algumas vezes de extrema rapidez, « quando erão levadas pela velocidade da corren- « te, e outra vez era quasi insensivel, quando « ellas erão arrastadas penivelmente por cima « das corôas dos rochedos. *E' impossivel louvar* « *bastantemente a coragem e a actividade que desen-* « *volvêrão nossos Brasileiros neste rude trabalho.* »

. . . . . .

« No dia 10 passámos com incrivel trabalho a « *Cachoeira-Grande*, o ultimo e o mais conside- « ravel dos rapidos do Araguaya. E' ahi que se « havião perdido, no mez de janeiro precedente,

« os fugitivos de Salinas, e nós percebemos sobre « os rochedos alguns restos de seu naufragio. Nós « não sabiamos o que era mais digno de admira- « ção, se o ardor da nossa gente, se o poder de seus « esforços, se a solidez de nossas embarcações, que « resistião constantemente a medonhos choques. « Umas vezes era preciso erguer as canôas e leva- « las até junto de um salto, outras vezes era for- « çoso retê-las no cimo de um muro quasi verti- « cal, por cima do qual se precipitavão com uma « rapidez espantosa as vagas enfurecidas. No meio « de semelhantes circumstancias era preciso que « no momento de attingirem o nivel inferior, sal- « tassem dentro dellas os homens da tripolação, e « que depois disso, por meio de vigorosas rema- « das, desviassem as frageis embarcações do redo- « moinho perigoso que se fórma ao pé dos ca- « chopos. São scenas que nos comprazemos de ter « uma vez contemplado, mas de que se não de- « seja correr segunda vez os perigos. » (Castelnau, *Expédition dans les parties centrales de l'Amérique de Sud, tomo* 1°, *paginas* 457 *a* 459 *e* 462 *a* 463.)

« Se procurarmos agora quaes são os obstacu- « los que se oppoem á navegação destes rios (o « Araguaya e o Tocantins) acha-las-hemos nas « difficuldades naturaes que apresentão seus cur- « sos, nas hostilidades das povoações indigenas « que habitão as suas margens, e finalmente *no* « *clima* destas regiões.

« Entre as difficuldades naturaes deve-se collo- « car em primeira linha as quédas e os rapidos. « Já descrevemos *longamente* estas sortes de obs- « taculos no Araguaya: limitar-nos-hemos por « agora a fallar dos que encontrámos na porção « do Tocantins percorrida por nós. As quédas as « mais fortes deste rio são as da Itaboca, de Santo « Antonio, do Lageado e dos Mares: difficillimas « ainda, porém menos do que estas que acabamos « de nomear, são as da Guariba, Cunana, Ca- « jueiro, Salinas, Agua da Saude, Praia-Alta, « Mãi-Maria, Tres Barras, Sant'Anna e Pilões. O « salto da Itaboca se acha n'um braço estreito do « rio. Sobre um comprimento de cêrca de duas le- « guas ha tres saltos designados pelos nomes de Tor- « tinho, José Corrêa e Cachoeira-Grande: este é o « mais difficil de todos. *Parece impossivel que uma* « *embarcação possa transpô-lo.* Tambem o via- « jante deve usar neste logar de todos os meios « que puder ter á sua disposição. A canôa, prece- « dentemente descarregada, é puxada a corda por « 20 a 30 homens: alguns armados de longos va- « rejões trabalhão por desvia-la dos rochedos sobre « os quaes se quebraria: diversas cordas servem, « além disto, para dirigi-la, e algumas vezes tor- « na-se por fim necessario que os homens da tri- « polação se lancem n'agua para erguer a canôa e « muda-la de direcção: com semelhante trabalho « ha ainda muita felicidade quando se consegue « transpor este salto em tres horas: muitas vezes « esta série de manobras peniveis e perigosas exi- « ge tempo dobrado. As embarcações do commer- « cio pesadamente carregadas *gastão semanas in-* « *teiras na passagem destes terriveis obstaculos. A* « *lista das cascatas do Tocantins mostra quanto* « *este rio é mais difficil de ser navegado que o Ara-* « *guaya.* »

Eis-a qui um pequeno extracto do que diz Castelnau ácerca da navegação do Tocantins: eis-aqui informações sufficientes para se não crer na navigabilidade do Tocantins por vapores, e para se julgar da sinceridade e boa fé com que o Sr. Maury diz:

« Eis-ahi pois um rio que entra no Amazonas, « tão perto do mar, que as aguas de sua foz são « salgadas, e *o Brasil não tem tido a energia de* « *lançar sobre a sua corrente o primeiro vapor.* « Como poderá elle então effectuar a navegação de « tres mil milhas pelo poderoso Amazonas, e in- « troduzir o vapor nas aguas do Perú, segundo « pretendeu persuadir ao governo daquella repu- « blica que havia de fazer? »

Agora que temos demonstrado que o Sr. Maury não podia deixar de ter lido aquillo que está *longamente* descripto por Castelnau; agora que temos ouvido as informações do viajante que o mesmo Sr. Maury declarou tomar por seu guia nesta discussão, fica inteiramente fóra de duvida que houve da sua parte ou imperdoavel descuido em não ler quanto devia no livro que tinha diante dos olhos, ou absoluta falta de sinceridade.

O intuito do Sr. Maury, fallando dos recursos commerciaes da provincia de Goyaz, inclusive a existencia de vias fluviaes, foi estabelecer que não eramos sinceros, que não procediamos de boa fé, estabelecendo com o Perú algumas regras para a navegação na mutua fronteira e rios affluentes do Amazonas. Lendo menos do que devia, ou omittindo o que não devia, concluiu não só o que acima transcrevemos, como até o que se segue:

« A primeira cousa digna de reparo neste *tra-* « *tado de commercio e navegação fluvial* entre o « Brasil e o Perú é a falta de sagacidade da parte « dos negociadores, e a singular enfatuação com

« que o Perú se deixou cahir no laço que com « tão pouca destreza lhe armárão.

« Quando o Perú foi convidado a celebrar este « tratado, e foi informado que o Brasil desejava « introduzir barcas de vapor nas aguas peruvia- « nas, *existia justamente na foz do Amazonas o « magnifico Tocantins*, rio que atravessa mais pa- « rarellos de latitude que o Mississipi ou Missou- « ri, e jaz inteiramente dentro do territorio bra- « sileiro, engrossado por muitos tributarios, cu- « jas margens são aformoseadas por villas e al- « dêas, e povoadas de 125,000 subditos brasilei- « ros: nasce este rio no coração mesmo do im- « perio: das suas cabeceiras ao palacio do im- « perador, no Rio de Janeiro, haverá apenas 500 « milhas; e todavia o Brasil, *com o seu espirito de « empreza, não tinha sido capaz de pôr sobre as « suas aguas uma barca de vapor*, nem havia dado « mostras de tentar fazê-lo. E' pois para admirar « que se não excitassem as suspeitas do Perú ao « ver o enviado brasileiro deixar os nobres rios « do seu proprio paiz em semelhante abandono, « e viajar milhares de milhas para ir propor ao « Perú a navegação dos seus tributarios do Ama- « zonas nas vizinhanças dos Andes. »

Decidão agora os homens imparciaes onde falta a sinceridade e boa fé, se no governo do Brasil quando tratava de estabelecêr a navegação a vapor no Amazonas e não no Tocantins, se no escriptor norte-americanô quando cala tudo quanto sabe a respeito das difficuldades oppostas pela natureza á navegação do Tocantins, e que se prevalece desse silencio para tirar conclusões injuriosas ao Perú e ao Brasil.

Se no seu observatorio de Washington, o illustrado Sr. Maury, deixando por alguns momentos os grandes telescopios e os seus estudos sobre as derrotas maritimas, quizer ver até que ponto o levou a sua má vontade para com os Brasileiros, e o desejo de suscitar-nos difficuldades por amor da navegação do Amozonas; se quizer ver quanto foi máo propheta, duvidando de nossa intenção, de estabelecer nesse rio a navegação a vapor, procure ler as folhas que se publicão na provincia do Pará. No periodico *Treze de Maio* achará noticias que contrarião, que desmentem todos os seus calculos, e que são a mais concludente resposta a essa maligna insinuação, ou antes a essa infundada e injusta accusação que fez aos Brasileiros, por occasião de nossos ajustes com o Perú.

Transcreveremos um artigo daquelle jornal, para poupar ao Sr. Maury o trabalho de procura-lo:

« Não podemos dar uma informação tão circum- « stanciada da viagem do Marajó, da cidade da Bar- « ra a Nauta, como em outra occasião já fizemos a « respeito da primeira viagem do mesmo vapor, « entre esta capital e a capital do Amazonas, por- « que nos falhárão muitos esclarecimentos com « que contavamos.

« Aquelle vapor, depois de 10 dias de viagem, « chegou á cidade da Barra a 20 de setembro, e a 22 « do mesmo mez largou para Nauta, levando a seu « bordo malas para varios logares, o conde de Flo- « restan, commissario por parte do governo, um « passageiro, nenhuma carga, 5,000 achas de le- « nha e 40 toneladas de carvão. Tocou nos seguintes « portos pertencentes á provincia do Amazonas: « Coary, Ega, Fonte-Boa, Tocantins, Amaturá, S. « Paulo e Tabatinga, onde chegou no dia 5 de outu- « bro, e á republica do Perú, Loreto, Cochequina, « Pebas, Pucalpa, Iquito e Nauta, onde chegou a 14 « do mesmo mez. Em todos esses pontos tomou le- « nha, prefazendo o total de 42,600 achas, no geral « de madeiras rijas, como sejão paracaúba, páo- « mulato, maçaranduba, e outros, se bem que de « qualidade mais inferior. Consta-nos que grandes « difficuldades, entraves e prejuizos teve de se ven- « cer para se poder obter semelhante combustivel, « particularmente no Perú. Além daquelles loga- « res outros existem, com os quaes não communi- « cou o vapor, por serem mui insignificantes, taes « são, Caballo-côxo, Murúmúrité, Omaguas, Mau- « calhafe, Camoxero, Perú, até Marubú.

« O vapor causou grande admiração por toda a « parte, e em algumas até medo, e muita gente foi « a bordo, apezar de ser tempo de praias, isto é, « do fabrico da manteiga de tartaruga, epoca em « que quasi todos os moradores desses sertões « abandonão seus lares para se irem occupar desse « genero de industria. Em Fonte-Boa as mulheres « fugirão com seus filhos para o mato nas vizi- « nhanças do ancoradouro do vapor, e dali espreit- « tavão a embarcação. Sabendo disto o comman- « dante, mandou-lhes dizer que viessem a bordo « sem receio algum, ao que ellas respondêrão que « não, porque tinhão medo de que lhes furtassem « os filhos! Desgraçada gente, digna de compai- « xão! Taes teem sido as violencias e as amarguras « que teem supportado, praticadas por homens de « alma endurecida, que de tudo ella se arreceia!

« No Loreto foi o vapor recebido com repiques « de sinos. O coronel D. Francisco Ortiz, chefe

« politico, deu todas as demonstrações de estima « e bondade: seguiu para Nauta, acompanhado « do seu secretario e ajudante d'ordens. Estavão « ali anciosos por dous vapores peruanos destina- « dos para a exploração do Ucayali e Gauyaga, « os quaes são os que estão em construcção no ar- « senal de marinha desta provincia.

« O governador do Loreto, D. Manoel Iguarra, e « o negociante allemão Shut, estabelecido em Ca- « lháo de Lima, havião contratado com o governo « do Perú a importação de 13,000 colonos dentro « de tres annos; destes já existião alguns em Lo- « reto fazendo parte da guarnição, cuja força ia « ser elevada a 200 praças; outros em numero de « 130, Allemães pela maior parte, forão manda- « dos para Caballo-côxo.

« Em Ega e Tabatinga ha noticia de existencia « de mina de carvão de pedra; em Loreto, Pebas, « e Iquito é elle reconhecido. Em Pebas está a « mina a 10 passos de distancia da casa do gover- « nador; em Iquito está mesmo á margem do Ma- « ranon, e o carvão parece ser de boa qualidade. « Consta-nos que vierão amostras para o Sr. Pi- « menta Bueno.

« Ficou combinado com o governador serem « pontos de escala Loreto e Nauta, e para depositos « do combustivel Cochequina, Pebas e Iquito. To- « dos estes logares são propriamente aldêas de « Indios, e nenhuma symetria guardão no arrua- « mento das suas palhoças, as quaes estão espa- « lhadas a esmo pelo campo. Loreto tem 32 fogos « e 200 almas, alguns brancos. Cochequina 20 fo- « gos e 100 almas, apenas 2 brancos; Pebas 40 fo- « gos e 200 almas, e 2 brancos; Pulcapa 10 fogos e « 40 almas; Iquito 40 fogos e 300 almas; Nauta 280 « fogos e 1,200 almas, sendo quatro familias bran- « cas. Em todos estes logares abundão as serin- « gueiras, com especialidade junto ao Loreto.

« Regressou o vapor pelos mesmos pontos, dei- « xou o governador e sua comitiva em Loreto, re- « cebeu aqui um passageiro, e aportou á cidade da « Barra no dia 22 do passado, havendo encalhado, « tanta na ida como na volta, em varios logares ou « baxios de arêa, sendo duas das encalhações ar- « riscadas, ambas na vinda, uma junto a Loreto, « onde ficou demorado dez horas, e só depois de « muitos esforços safou, outra perto da boca do « Coary, onde ficou 31 horas sem esperanças de « safar tão cedo, depois de esgotados todos os re- « cursos possiveis em taes paragens; porém afi- « nal um forte repiquete fez crescer o rio alguns « palmos, a embarcação boiou, e seguiu seu curso « sem avaria alguma. »

Reinserindo estas linhas, esperamos que o Sr. Maury nos perdoará o desapontamento que lhe causamos, e que reconhecerá quanto foi injusto, duvidando de nosso sincero desejo de ver navegado o Amazonas e seus affluentes peruanos pelos barcos de vapor. E pedindo que reflicta na existencia de cachoeiras no Tocantins, a 100 leguas de Belém, quando pelo Amazonas ha uma linha fluvial seis e oito vezes maior, e toda preparada pela natureza, para esses grandes agentes de riqueza e civilisação, esperamos que nos não accusará mais de faltos de energia, por não termos ainda lançado um vapor nas aguas do Tocantins.

Se o illustre Americano estivesse mais em dia com os trabalhos e esforços do governo do Brasil, na empreza de promover os melhoramentos materiaes deste paiz, teria por certo conhecimento de que o problema da navegação a vapor em nossos rios é problema que estudamos, e que esperamos ver em grande escala resolvido. Seria portanto imperdoavel o governo do Brasil, que, desconfiando dos recursos do paiz, e aterrado pela idéa da propria fraqueza, entregasse ao estrangeiro a empreza da navegação e commercio pelos poucos rios que temos, á excepção do Amazonas, com proporções para serem navegados a vapor.

E' verdade que não aspiramos, como acredita o Sr. Maury, a nos tornarmos uma potencia preponderante pela marinha. Mas se a escassez de nossa população, a riqueza de nossas minas, a uberdade de nossos matos e campos, em geral, e a suavidade do clima, não lanção para a vida do mar a nossa gente, seria um erro, erro desmentido pela nossa propria historia e pela de outras nações, acreditar que não poderemos ter a necessaria e bem organisada marinha de guerra, e a conveniente marinha mercante proporcionada ás necessidades de nosso commercio, inclusive a que se faz de mister para a navegação de nossos rios.

Ninguem hoje ignora que a configuração dos continentes, quer no sentido vertical, quer no sentido horisontal, exerce a mais poderosa influencia, não sómente sobre os phenomenos physicos que se operão em sua superficie, como tambem sobre as leis e costumes, e sobre os principaes factos historicos que nelles se representão. Pretender porém deduzir do simples aspecto de um paiz, visto apenas em cartas geographicas, se poderá ou não prosperar nelle esta ou aquella instituição, sem examinar

aprofundadamente as contrariedades e as vantagens que a natureza apresenta, e sem attender ao poder das idéas e das convicções, bem como aos recursos que ministra a necessidade de conservação e de progresso, é desprezar a influencia de causas que se tornão sufficientes desde que são sommadas, é esquecer o testemunho e a lição da historia.

E' innegavel que os Norte-Americanos das plagas orientaes, convidados pelo aspecto lisongeiro que lhes apresenta a vida do mar, habitantes de um litoral caprichosamente indentado, rico de golphos e de mares navegaveis; e além disso obrigados pela ingratidão do solo a procurar o recurso que tão facil se lhes apresenta, offerecem á sua patria vantajosas proporções, para que seja ella uma das primeiras potencias maritimas do mundo.

Mas é tambem verdade que o maximo poder naval tem estado nas mãos de outras nações desigualmente dotadas pela natureza, e que o perdêrão sem que no mundo physico tivessem operado causas que produzissem a decadencia.

Assevera o Sr. Maury que o Brasil, tendo uma costa alcantilada e aspera, e não as sinuosas praias, magnificos golphos, bellos portos e bahias de outras regiões maritimas do norte do globo; e que tendo um solo d'onde é facil tirar-se a alimentação, não poderá jámais vir a ser um povo maritimo. Assevera mais que actualmente a marinhagem dos navios mercantes que cruzão os mares veem dos climas severos, das regiões extra-tropicaes do norte, da velha e da nova Inglaterra, dos estados septentrionaes da Europa e da America, e não dos brandos e bellos climas do Sul.

Mas por ventura desapparecêrão os bellos golphos de Veneza, e tornou-se brando e suave o clima dos tempos em que era o primeiro poder maritimo de mundo? Por ventura o clima da Hespanha, nos tempos de sua indisputavel preponderancia maritima, era diverso do que é hoje? Tinha a Hespanha golphos, portos e bahias que hoje não tem? Por ventura Portugal perdeu os mares e golphos dos seus tempos heroicos, e mudou de céo e clima depois que Vasco da Gama descobriu a passagem ás Indias, e Cabral o imperio de Santa Cruz? Por ventura a Inglaterra adquiriu nos tempos de Cromwell e de Isabel mares, golphos, bahias e climas diversos dos que havia antes do protector e da famosa rainha? Não. E todavia a republica do Adriatico deixou de resistir com successo ao poder dos Ottomanos, por meio de sua numerosa e bem provida esquadra. A Hespanha, assim como se achou pobre quando se suppunha immensamente rica pela posse e fruição das minas do Novo-Mundo, assim tambem decahiu do poder maritimo quando esperava suffocar a Grã-Bretanha com a celebre armada invencivel. Portugal, que pelo impulso da actividade e do genio do immortal Henrique, principe astronomo e geographo, havia descoberto as ilhas da Madeira, de Cabo Verde e Açores; e que avançando audaciosamente ao longo da costa d'Africa chegára a formar estabelecimentos nas encostas asiaticas; Portugal, sem que os mares, golphos e portos o abandonassem, deixou de figurar com respeito na lista das nações maritimas. O genio de Cromwell e o reinado glorioso de Isabel tornárão a Inglaterra successora de Veneza, de Hespanha e de Portugal no cruzamento e no dominio dos mares.

Se para estes resultados não influirão as causas physicas, como a mudança dos climas, o apparecimento ou desapparecimento subito de golphos, bahias e portos; se ao par da influencia das causas physicas (que é na verdade poderosa) figura a das idéas e das necessidades moraes dos povos, é licito esperar que a Hespanha, recollocada nas vias do progresso, reassuma a importancia a que a destinou a Providencia, e que venha a ter ainda poder naval sufficiente para fazer que sejão respeitadas suas possessões áquem do Atlantico. Da mesma fórma Portugal, a proseguir na marcha que felizmente trilhára sob os auspicios de um reinado liberal e esclarecido, o generoso e heroico Portugal póde e deve tornar-se influente na balança politica do mundo, a menos que não queira perder suas ricas possessões do ultra-mar.

Para o Brasil a questão é um pouco differente. Não temos necessidade de uma esquadra igual á da Grã-Bretanha ou á da poderosa republica de lingua ingleza. Não aspiramos a rivalisar com taes potencias; não aspiramos a ser simultaneamente a primeira nação em agricultura, em industria, em poder naval. Devemos proteger nosso commercio, guardar a nossa costa, navegar os nossos rios. Tão modestas aspirações não teem contrariedades insuperaveis nas causas physicas, e nos dispensão de tomar o conselho do Sr. Maury, quando nos lembra a necessidade de entregarmos a seus patricios a navegação de nossos rios. Se assim procedessemos, commetteriamos a perfidia de enfraquecer nas delicias de Capua os valentes marujos americanos; pois que se é lei da natureza que o habitante do Brasil, engolphado na abundancia, recuse a vida do mar, seriamos perfidos attrahindo a esses homens

dos climas severos, engolphando-os nas riquezas, fartando-os de leite e mel, e tirando-lhes com isso o desejo de procurar essa vida de que se tornarião tão incapazes como os Brasileiros, no entender do Sr. Maury. Demais, a navegação a vapor nos rios do Brasil, que é a questão principal, só exige a pericia especial que nossos patricios teém. E' uma navegação em que não se precisa da aptidão maritima dos Inglezes, dos Suecos e dos Norte-Americanos. O conhecimento dos baixios e das correntezas, das epocas de enchentes e de vasantes, da profundidade e navigabilidade dos canaes entre grupos de ilhas, a pratica, e sómente a pratica, é o predicado da marinhagem de que precisamos, e para essa pratica ninguem mais apropriado que o Paraense no Amazonas, que o Cuyabano no Paraguay.

CAPITULO V.

Parallelo entre as linhas fluviaes de Bolivia pelo Prata e pelo Amazonas.—Como e porque o Sr. Maury se esquiva de tomar em consideração a navigabilidade dos affluentes do Prata, e prefere a navegação pelo Madeira.—Cachoeiras deste rio.—Verdadeiras fontes de riqueza em Bolivia.—As minas perdidas de Urucumaguam, e as ruinas de Samaipata.—Como e porque se despendêrão sommas enormes para se abastecer de agua o Potosi.—A carta escripta de Lima ao Sr. Maury.

Bolivia póde communicar-se com o oceano atlantico e com o antigo continente por tres diversos caminhos: o primeiro através dos Andes e do deserto de Atacama até Cobija, e dahi pelo mar do sul até o cabo d'Horn; o segundo pelo seus rios tributarios do Madeira, e por este abaixo até o Amazonas; o terceiro pelos seus tributarios do rio da Prata, ou antes do Paraguay.

Deixando fóra de comparação esse antigo caminho do Mar-Pacifico, por onde no nosso seculo não poderião entrar na Republica Boliviana commercio activo, riquezas e civilisação, vejamos qual é das vias fluviaes a que deve merecer a preferencia, a que póde ser considerada como a mais capaz de accelerar a prosperidade daquelle paiz.

Se estivesse destinado pela sabedoria divina que aquella republica não pudesse prosperar, isto é, entrar em activa troca de productos com outro paiz que não fosse a poderosa Republica de Norte-America, seria ocioso confrontar as facilidades e as difficuldades que n'uma e outra carreira offerece a natureza ao estabelecimento da navegação a vapor e de um commercio vantajoso. Se todas as nações onde podem ser consumidos os productos bolivianos, e d'onde podem sahir aquelles com que se deverá fazer a troca, estivessem privadas da marinha, de modo que dependessem dos navios americanos; e se os estados da America do Sul, taes como o Brasil, Montevidéo e Buenos-Ayres, perdessem as suas grandes praças commerciaes, e ficassem privados do commercio directo com a Europa, desnecessario se tornaria lembrar que Bolivia póde procurar o oceano pelo Paraguay.

Mas nem parece que a Providencia Divina tenha reservado á republica de lingua ingleza o monopolio do commercio de Bolivia, nem se podem por um momento admittir todas aquellas hypotheses que darião aos Americanos do Norte o dominio exclusivo dos mares.

E' verdade que o Sr. Maury, quando falla dos

recursos de Bolivia, da prosperidade de que é susceptivel, e dos meios que devem ser empregados para chegar-se a esse estado, geitosamente abstem-se de encarar a questão debaixo de um ponto de vista que não seja palpavelmente vantajoso á sua patria, e só a ella.

Quando, para dar uma idéa dos grandes recursos da Republica do Paraguay, transcreveu as noticias lisongeiras que se achão na recente obra de Montgomery Martin — *Atlas geographico e estatistico*, accrescentou immediatamente: « O commercio do « Prata é de certo importante, *mas que seja de tanto* « *valor agora*, como representa o extracto supra, « *é do que se póde duvidar.* »

Com o mesmo pensamento, e com admiravel rigor logico, transcrevendo alguns periodos de uma carta que diz lhe escrevêra de Lima pessoa de sua amizade, fecha inteiramente os olhos ao que está escripto sobre a importancia da navegação do Rio da Prata, e conclue em favor do do Amazonas. Vejamos como isto se passou. Diz-se no ultimo periodo da carta: « Comtudo, *en attendant*, bom seria que « procurasseis organisar uma companhia para a « navegação dos rios da America do Sul, em geral, « porque, emquanto olhamos para o Amazonas, « não devemos perder de vista o Prata. O paiz, si- « tuado sobre as cabeceiras deste rio, é mais povoado « do que o da confluencia do Amazonas; e, segundo « todas as informações que tenho recebido, o com- « mercio do Paraguay de per si compensaria am- « plamente os avanços necessarios ao estabeleci- « mento de uma linha de vapores nas aguas do « Prata. Se actualmente navegassem vapores so- « bre o Paraguay e o Paraná, é muito possivel que o « governo do Brasil estivesse mais favoravelmente « disposto para comnosco, e que a questão da nave- « gação do Amazonas se decidisse por um ajuste « amigavel. *Podeis ficar certo que se os Estados-* « *Unidos não se derem pressa em tratar deste nego-* « *cio*, alguma outra nação o fará.... »

E depois, logo immediatamente depois deste importante periodo, em que se falla com predilecção da navegação pelo Paraguay, conclue o Sr. Maury: « Pelo que fica exposto, vê-se que temos razão « em dizer que o commercio com a Bolivia *pelas* « *aguas do Amazonas* não é uma utopia. » ! !

A este periodo segue-se um outro em que o Sr. Maury transmitte a communicação que se lhe fez, de que ião ser declarados portos francos ao commercio do mundo dous sitios ás margens de tributarios do Amazonas; com o que fecha o seu capitulo, desprezando o conselho do seu amigo, não dizendo uma palavra a respeito da navegação pelo Paraguay. Neste procedimento ainda mais se revela o espirito de hostilidade com que se houve o Sr. Maury na redacção de sua memoria. Examinaremos pois, a despeito do escriptor norte-americano, as vantagens que offerecem as vias fluviaes de Bolivia para o rio da Prata, assim como para o Amazonas. Neste exame aceitaremos as autoridades aceitas pelo Sr. Maury, e com os mesmos dados que elle tem entraremos na comparação.

Admittamos primeiramente que os rios bolivianos *Pylcomayo* e *Vermejo*, que caminhão para o Sul, são navegaveis, assim como o *Paray* e o *Beni*, tributarios do Madeira, e conseguintemente do Amazonas.

Ora, o *Pylcomayo* e o *Vermejo* confluem no Paraguay, onde este rio já é volumoso e indisputavelmente navegavel. Além disto, a região das nascentes destes rios bolivianos é mais populosa que a daquelles que marchão para o Norte. Santa Cruz de la Sierra, capital da republica, está muito mais perto de Buenos-Ayres que de Belém. A provincia de Chiquitos está em nossa fronteira unida á provincia de Matto-Grosso, e por isso quasi nas aguas do Paraguay. A maior parte dos terrenos que o mesmo Sr. Maury apresenta como ricos em mineraes e em vegetação, achão-se nas vizinhanças de Chiquitos, na bacia do rio da Prata.

Do lado opposto, já não fallando na differença de população, de que o Sr. Maury tem conhecimento pôla carta do seu amigo; e não mettendo em conta a inferioridade em riqueza, de que essa differença de população é indicativa, poderão ser os affluentes do Madeira tão navegaveis como o *Vermejo* e o *Pylcomayo*; porém o Madeira, onde elles vão confluir, não offerece as vantagens e facilidades do grande e magestoso Paraguay.

Teve o Sr. Maury a simplicidade de passar pelo Madeira, na redacção da sua memoria, sem dar fé das cachoeiras desse rio, as quaes se achão entre os affluentes bolivianos e o Amazonas. Entendeu por isso que não erão impassaveis. Porém uma vez que importa á nossa discussão conhecer-se até que ponto é inexacto o escriptor que se apresenta com um libello na mão, accusando e ameaçando um paiz amigo da sua patria, e levando o seu máo querer a ponto de figurar-nos inimigos de nossa propria felicidade e da alheia, inimigos da civilisação e do christianismo, diremos alguma cousa a respeito da navegação do Madeira, diremos aquillo

que não devia ignorar o escriptor que se propuzesse a fallar em navegação de Bolivia para o Amazonas pelo Madeira.

Sobe-se com effeito este rio desde o seculo passado. Houve por elle um commercio e navegação para a antiga Villa-Bella, residencia dos capitães-generaes de Matto-Grosso, commercio que se acha quasi desprezado, desde que foi removida para Cuyabá a capital da provincia, ao mesmo tempo que se começou a fazer uso da linha do Tapajoz e do Arinos; esse commercio teria totalmente desapparecido, se nossas povoações das margens do Guaporé e do Mamoré, onde se acha o forte do Principe da Beira, tivessem meios mais breves para obter o sal, o ferro, e outros generos que sobem do litoral.

Na parte superior do rio Madeira, perto da confluencia do Beni e do Mamoré, existem 12 cachoeiras. Neste ultimo rio existem 5. Portanto a linha fluvial do Amazonas (pelo Madeira) tem até ás povoações brasileiras 17 grandes cachoeiras, além de rapidos ou corredeiras, duas das quaes são por alguns viajantes consideradas tão difficeis como as 17, com o que assim elevão a 19 o numero destes passos difficeis e perigosos. Para as povoações de Bovilia, quando não haja a menor difficuldade a partir da confluencia do Beni para cima, ha pelo menos as 12 catadupas do Madeira, que todas se achão dessa confluencia para baixo.

Para quem sabe o que são esses obstaculos em nosso territorio montanhoso, é escusado dizer que onde elles se achão não podem passar vapores. Mas para quem ignora a fórma accidentada deste paiz, a enormidade de nossas massas d'agua nos affluentes amazonios, e a coragem e pertinacia com que transpomos tão medonhos precipicios (e veja-se o que diz Castelnau a proposito das cachoeiras do Araguaya e do Tocantins, que não são os maiores que se conhecem no paiz) torna-se indispensavel descrever alguns delles. Para isso transcreveremos sómente o que se acha concisamente descripto nos diarios do Dr. F. J. de Lacerda, astronomo portuguez, que em 1781 subiu para Villa-Bella como membro de uma commissão de limites.

« *Dia* 17 *de outubro de* 1781.—Pelas 8 horas da « manhã chegámos ao salto do Theotonio, onde « achámos os commerciantes de Matto-Grosso « com 13 canôas, que trazião seis mezes de via- « gem. Elles tinhão sido atacados pelo gentio cinco « vezes, que de uma dellas ferirão algumas pes- « soas, e matárão a um indio remeiro de uma mon- « taria (*pequena canôa de caça*) na boca do Jamary, « segunda cachoeira.

« E' esta cachoeira formada por um grande pe- « nedo que atravessa o rio, o qual se despenha por « quatro canaes de altura de 40 palmos. Adiante « do logar deste precipicio está uma grande ilha « de pedra, que faz ter a agua precipitada um gran- « de rebojo.

« *Dia* 28 *de outubro*.—Tendo navegado uma le- « gua, chegámos ao principio de uma cachoeira, « que chamão—*Caldeirão do Inferno*,—a qual tem « uma legua de comprido, e é perigosa no rio « cheio; mas nós a achámos favoravel pela pouca « agua que trazia o rio.

« *Dia* 29. — Tendo navegado legua e meia, che- « gámos á cachoeira chamada—*Salto do Girão*— « em que *se varão as canôas por terra na distancia* « *de* 350 *braças*.

« Nesta cachoeira estivemos até o dia 10 de no- « vembro inclusive, que os gastámos em varar as « canôas e no concerto dellas.

« *Dia* 11 *de novembro*. — Pela tarde chegámos á « cachoeira chamada—*Os Tres Irmãos*,—que pas- « sámos até o meio.

« *Dia* 12.—Continuámos a passar o resto da ca- « choeira de extensão de uma legua.

« *Dia* 13.—Neste dia andámos sómente duas le- « guas, pelas muitas correntezas e sirgas que pas- « sámos, algumas das quaes *não são inferiores a* « *cachoeiras*. Chegámos pela tarde á cachoeira « chamada—*do Paredão*.

« Forma-se esta cachoeira de duas como pare- « des que veem de uma e de outra margem do rio, « deixando pelo meio passagem ás aguas, mas « nesta abertura ha uma ilha de pedra, que faz o « rio ter duas entradas ou abertas.

. . . . . .

« *Dia* 22.—Navegada uma legua, passámos va- « rias pedras; e navegando mais uma legua, che- « gámos ao arremate da cachoeira do Ribeirão.

« *Dia* 23. — Neste dia andámos sómente meia « legua, e por este tão pequeno andamento con- « sidere-se qual seria o trabalho.

« *Dia* 24.—Passada a quarta sirga, se deu prin- « cipio ao rancho e a descarregar as canôas, traba- « lho que durou até o dia 27, mas em passar toda « a cachoeira, que tem duas leguas de extensão, « gastámos até o dia 6 de dezembro.

. . . . . .

« *Dia* 8 *de dezembro*. — Chegámos á cachoeira

« do Madeira (a 12ª), em que gastámos quatro « dias em passa-la, e em ver se se podia fazer al- « guma observação, que não teve effeito. »

Eis-aqui noticias, informações veridicas, pelas quaes se reconhece que o rio Madeira, da confluencia do Beni para baixo, não póde admittir navegação a vapor senão depois dessas doze formidaveis cachoeiras, que tornão rude e perigosa a navegação, ainda mesmo dos pequenos barcos que conseguem franquea-las, e que n'alguns sitios são obrigados a uma *varação* ou conducção por terra.

Fica portanto fóra de duvida que não é pelo Madeira e pelo Amazonas que póde subir o commercio, e com elle a riqueza e a civilisação para a Bolivia; e que é pelas aguas do magestoso Prata que se ha de operar esse phenomeno, se com effeito a navigabilidade do *Vermejo* e do *Pilcomayo* se estende até o coração daquella republica.

Se temos chegado a esta conclusão sem sophismas e sem omissão de informações a nosso alcance, evidentemente se engana o escriptor norte-americano quando diz: « O caminho por onde Bolivia « espera achar sahida para seus productos destina- « dos ao mercado é ao longo dos seus rios que des- « agüão no Amazonas, e por este abaixo até o mar, « onde os ventos e as correntes são taes, que esses « productos terão *forçosamente de passar pela nossa* « *porta*. » Desta sorte, todo o empenho do Sr. Maury é fazer crer aos Norte-Americanos e aos Bolivianos que a Providencia Divina tem destinado que aquella antiga parte da monarchia hespanhola fique na mais absoluta dependencia da ex-colonia da Inglaterra. Nos fins do capitulo 3º, começando a fallar de Bolivia, disse o escriptor Americano: « Industriosos e prosperos os Bolivianos ao con- « templarem os seus apraziveis rios, o *Pilcomayo* « e o *Madeira*, suspirão pelas barcas de vapor e li- « vre navegação do Prata e do Amazonas.

« O Pilcomayo nasce ao pé da muralha meridio- « nal da sua linda cidade do Prata, como é deno- « minada Chuquisaca. O Vermelho, outro grande « rio boliviano, tributario do Prata, nasce mais ao « sul. Depois de um curso de mil milhas em direc- « ção ao sul e ao sueste, estes rios desembocão no « Paraguay; e tal é o desejo que tem Bolivia de os « ver navegados por vapor, que offereceu, segundo « ouvimos dizer, o premio de 10 contos de réis ao « primeiro barco de vapor que subir pelo *Pilco-* « *mayo*, até o ponto onde elle é navegavel. »

Parecia natural que daqui concluisse o Sr. Maury em favor da navegação do rio da Prata, ao menos tanto quanto em favor da do Amazonas. Entretanto assim não praticou; e não obstante fazer crer que Bolivia tem meios naturaes e esperanças de chegar ao atlantico, navegando o *Vermejo* e o *Pilcomayo*, diz que o caminho por onde ella espera achar sahida para seus productos é ao longo dos seus rios que desaguão no Amazonas, e « *por este abaixo até o mar, onde os ventos e as correntes* (palavras do Sr. Maury) *são taes, que esses productos terão forçosamente de passar pela sua porta.* » E como se não bastasse a sua asserção, o illustre escriptor procura o reforço da opinião (real ou emprestada, por amigo officioso, como adiante examinaremos) do actual presidente de Bolivia; e accrescenta: « Disto está ella (Bolivia) bem convencida, « e o seu presidente tem manifestado o mais vivo « desejo de estreitar os laços de amizade, com- « mercio e navegação, que estão destinados a ligar « o seu paiz ao nosso. »

A' vista disto fica evidente que na opinião do Sr. Maury toda a vantagem da navegação a vapor para Bolivia será sómente real, se essa navegação levar ás portas dos Estados-Unidos os productos da America do Sul. O Paraguay e o Prata offerecem a mais bella, commoda e vantajosa estrada para o atlantico e para os grandes mercados do continente europeu. Tudo induz a crer que é por ahi que ha de marchar o commercio para as republicas da Confederação Argentina, para a do Paraguay, para uma porção do Brasil, e para a Republica Boliviana. Todavia o Sr. Maury antes quer ver o Prata revirado e os productos, ainda mesmo os das encostas maritimas da America do Sul, deixando o atlantico, subirem e descerem rios, lá mesmo onde não é possivel qualquer navegação regular, comtanto que se faça o commercio no mar dos Carahybas. Bolivia póde servir-se do Pilcomayo e do Vermejo; não encontrará no Paraguay, a que estes rios se juntão, as mesmas difficuldades que apresenta a região encachoeirada do Madeira. Mas de que serve a navigabilidade do Paraguay e do Prata? de que serve a navigabilidade do Vermejo e do Pilcomayo, se estes rios vão desaguar no oceano, tão longe dos Estados-Unidos? Para que servem taes rios, se na sua foz os ventos e as correntes não *forção o commercio a passar pela porta* da patria do Sr. Maury?

No seculo em que vivemos, a politica do commercio, e não a da conquista, é a politica não só dos Estados-Unidos, como da Inglaterra, da França, da Hollanda, da Allemanha, e de todas as nações cultas da Europa, feita a devida excepção da Russia.

Não é por isso condemnavel o escriptor norte-americano quando deseja que todos os productos da America do Sul caminhem para o passo da Florida; nem ainda quando deseja que não só os Brasileiros, como tambem os Peruanos e os subditos de outras republicas hispano-americanas, consumão os productos da industria de seu paiz. Mas ninguem poderá desculpar que esse patriotico desejo se traduza em hostilidade aberta contra os Brasileiros, e que se lance mão até de uma pequena intriga no intuito de nos tornar odiosos. Tudo nos induz a acreditar que o Sr. Maury escreveu o seu pamphleto sómente para seus concidadãos, esquecendo que no tempo presente a imprensa e os vapores, espalhando as idéas, facilitando a discussão, e abolindo as distancias, não permittem que prevaleça o injusto contra o justo, a ambição contra a verdadeira liberdade, a força contra o direito. Nos tempos antigos podião os oradores do senado romano gritar com toda a força de seus pulmões « *delenda est Carthago*, » e a rival da poderosa republica da Italia ignorava a estensão do perigo que a ameaçava. Hoje não succede assim. As cem vozes da imprensa, dirigindo a opinião publica, dão força aos governos livres, animão os exercitos, secundão a diplomacia, alimentão a tribuna; em summa, promovem a verdadeira civilisação. Se o illustrado Sr. Maury reflectisse nestas verdades, não cederia talvez ao maligno impulso de seu coração, e não diria a seus leitores americanos, no intuito de nos tornar odiosos, que entre nós se qualificão os Nortes-Americanos—nação de piratas. — Se se lembrasse de que o seu pamphleto podia chegar ao Brasil, e soffrer a justa contrariedade que procede da injustiça da aggressão e da falta de fundamento dos pontos de accusação, é muito provavel que argumentasse de outra maneira. Só a esperança de ter por leitores unicamente a seus concidadãos norte-americanos poderia anima-lo a commetter sem receio as injustiças que temos apontado, e a proferir tanta asserção infundada, tamanhas inexactidões, tão frequentes erros. Contando com a benevolencia do leitor, seguro do effeito quasi sempre infallivel de um estylo pitoresco e seductor, o Sr. Maury emprehendeu a sua tarefa na esperança de ser bem succedido, toda vez que mostrasse a seus patricios riquezas incalculaveis ao par de extrema facilidade de adquiri-las.

Se assim não fosse, se o Sr. Maury não contasse com a falta de conhecimento que no seu paiz ha do nosso e das republicas vizinhas, é muito provavel que não se occupasse em fazer de Bolivia um quadro lisongeiro, por ter productos que se encontrão abundantemente em todas as provincias do Brasil, inclusive as do Maranhão e do Pará, muito mais proximas dos Estados-Unidos do que Bolivia. Entretanto o escriptor americano se estende longamente em noticiar que na Republica Boliviana existem duas qualidades de mandioca, muitas variedades de bananas que dão cacho em um anno, que o milho amadurece em tres mezes, que o algodão dá fructo em seis, que o café prospera a 600 leguas do atlantico, quando tudo isto se dá na quasi totalidade das provincias brasileiras de beira-mar.

Se o Sr. Maury não contasse com a benevolencia, e até com a credulidade de seus patricios, não se serviria por certo das deslumbrantes riquezas do Potosi, nem fallaria, como a meninos que se quer engodar, das *minas perdidas* de Urucumaguam, cujos thesouros, diz elle, igualavão em valor á fabulosa riqueza da cidade dourada de Manoa.

Quando o commercio com Bolivia póde ser vantajoso pela exportação da quina, do cacáo e de outros productos do reino vegetal; quando a riqueza das minas de prata recommenda a exploração dos multiplicados veios que existem no territorio boliviano; quando as ricas minas do magnifico e abundante cobre de Corocoro são indisputavelmente um grande elemento de prosperidade, de que os *estadistas sagazes* de Bolivia não teem sabido tirar partido, como *perfeitamente sabe hoje o gabinete inglez*, que necessidade havia de fallar-se nas minas perdidas de Urucumaguam? Que necessidade havia de procurar seduzir com essas riquezas e com a noticia das enormes sommas outr'ora despendidas para se prover d'agua o Potosi? De facto despendêrão-se tres milhões de dollars para haver agua em Potosi, como se lembrou de dizer o Sr. Maury quando quiz provar que o commercio com Bolivia não é uma utopia. Mas para que occultar que o Potosi não é hoje o que já foi? Para que occultar que depois de ter sido uma cidade de 160 a 180 mil habitantes, tem hoje apenas 13 a 14 mil almas? Para que occultar a verdadeira causa que obrigou a emprehender essas construcções gigantescas e a facilidade que houve então, e não ha hoje, de fazer face a tão consideraveis despezas?

N'um serro do territorio boliviano o acaso fez descobrir possantes e riquissimas minas de prata. Faltando agua para lavagem das mineiras, construirão-se nas gargantas de montanhas, superiores de nivel, 33 enormes assudes, que se communicavão entre si, e fornecião agua sufficiente para os usos da

mineração e de uma população que chegou a ser, como já dissemos, de 180,000 almas. Hoje a cidade de Potosi apresenta immensas ruinas, innumeraveis trabalhos interrompidos, e uma população que é menos da decima parte do que já foi. Tanto valeria recordar que quando o duque do Prata entrou em Lima para tomar posse do governo, só os commerciantes desta cidade fizerão um tapete de prata massiça nas ruas por onde teve de passar. Do mesmo Potosi podia dizer-se que só no decennio que decorre de 1585 a 1595 produziu cêrca de 900,000 marcos de prata. Maiores sommas despendêrão por certo esses famosos monarchas do Egypto na construcção das pyramides que, segundo M. de Persegni, satisfazião a uma necessidade da agricultura, ou por dizer melhor, erão indispensaveis para se evitar que os terrenos ferteis ficassem submergidos em montões de arêa. Despendêrão-se pois nessas obras sommas muito maiores que para prover d'agua o Potosi. Mas são essas antigas e espantosas despezas de outros seculos razões para se esperarem hoje grandes resultados commerciaes nos paizes que forão o theatro dessas scenas de opulencia? O que prova pois que em seculos passados se emprehendessem obras gigantestas no Potosi, quando era extremamente facil pagar o trabalho com pedaços de prata?

E' o que não importa ao Sr. Maury, porque conta com a credulidade e com a benevolencia de seus leitores; e tanto conta com essa benevolencia, que depois de fallar nas riquezas de que dispõe Bolivia, riquezas pela maior parte reaes e dignas da actividade do homem, accrescenta: « Para augmentar o « interesse, os recursos, os encantos e a riqueza « deste paiz, ali estão as aguas thermaes de Tolula, « com suas maravilhosas propriedades; as *ruinas* « *de Samaipata e Tiahuanaco*, as quaes com os seus « symbolos e annaes hieroglyphicos, revelão um « povo anterior aos Incas; e, na opinião de Cas- « telnau, superior a elles em civilisação. »

Ora, que as aguas thermaes augmentem os recursos do paiz, póde-se ainda admittir. Mas que as ruinas de Samaipata augmentem o interesse, os recursos, os encantos e as *riquezas*, só o Sr. Maury tem coragem para dizê-lo. Ainda se se dissesse que as ruinas de Samaipata augmentavão o interesse e os encantos do paiz, bem: mas que ruinas augmentem riquezas, não o diria o mais hyperbolico poeta.

Vejamos agora uma nova prova de segurança com que o Sr. Maury escreveu, e sómente para seus patricios. Essa prova se acha na transcripção de uma carta real ou imaginada, que se diz escripta de Lima por um Norte-Americano seu amigo. Extractaremos sómente aquelles periodos que manifestão as intenções de certos subditos dos Estados-Unidos, e os manejos que empregão contra os Brasileiros.

« Depois da minha ultima correspondencia fiz « conhecimento com D...., natural do Chile, a « quem o tenente Gibbon viu em Cochabamba, « em Bolivia. Este D.... *é sem duvida um homem* « *habil*.... Segundo elle pensa, o presidente de Bo- « livia nutre favoraveis disposições para com- « nosco, e não hesitaria em conceder privilegios a « uma companhia de navegação a vapor que lhe « fizesse para esse effeito a conveniente proposta. « Como não conheço em Bolivia outro algum in- « dividuo com quem pudesse entender-me a res- « peito da navegação do Amazonas, não duvidei « aproveitar-me delle, porque penso que *não ha* « *tempo a perder, se os Estados-Unidos querem as-* « *segurar para os seus cidadãos o commercio inte-* « *rior da America Meridional.*

. . . . . .

« Sem dar implicito credito a estas informa- « ções de D....., resolvi-me a *aproveitar a influen-* « *cia que elle sem duvida tem sobre o presidente de* « *Bolivia para promover o nosso plano de abrir a* « *navegação do Amazonas*, e IMPEDIR, quanto « me fosse possivel, o triumpho da politica exclu- « siva do Brasil. Tendo eu verificado que Guaraios, « aldêa de quatrocentos vizinhos, situada na con- « fluencia do Marmoré com o Itanez, do lado de « Bolivia e Exaltação, villa de quatro mil habitan- « tes, erão as principaes povoações sobre o Mar- « moré, abaixo da villa da Trindade, propuz a « Dom.... que escrevesse áquelle presidente, o « o persuadisse a declarar aquelles dous logares « portos de entrada para o commercio estrangei- « ro. Abraçou logo esta idéa, *dizendo que era mui* « *luminosa*, e pelo ultimo correio *escreveu ao pre-* « *sidente* sobre este assumpto. Diz elle que o mes- « mo presidente *declarára que não pretende fazer* « *concessões aos Brasileiros*; que não ha povo para « elle como os Norte-Americanos, porque hão de « trazer á Bolivia riquezas, força e civilisação.

« *Estou certo* que o governo de Bolivia ha de « declarar os dous mencionados logares, Gua- « raios e Exaltação, portos de entrada para o com- « mercio estrangeiro. Em tal caso teremos ganha- « do um grande ponto. Isso mostrará que aquella

« republica deseja entabolar relações commer-
« ciaes comnosco ; assim *poderemos exigir* que
« o Brasil não ponha obstaculos ao nosso
« commercio com ella. *Infelizmente porém nós,*
« *como individuos,* não temos poder nem meios
« para levar avante este *gigantesco e magnifico pla-*
« *no* de franquear á povoação e á civilisação o mais
« bello e mais extenso paiz do globo. Temos proce-
« dido até aqui *sem conselhos nem favor do gover-*
« *no geral, á excepção de.....* »

Entremos agora nas considerações que affluem ao espirito ao ler-se esta celebre carta. Segundo della se deprehende, ha um Chileno que tem influencia sobre o presidente de Bolivia, influencia poderosa, immensa, e que estrangeiro algum tem no seculo actual sobre o espirito de qualquer chefe de estado civilisado. Ha um Chileno que tem influencia sobre o presidente de Bolivia, e influencia bastante para aconselha-lo e decidi-lo com *uma carta* a tomar medidas da mais alta gravidade nas questões externas! Ha um Chileno que, assim favorecido pela fortuna, entra em ajustes com um subdito dos Estados-Unidos, que o qualifica de *homem habil,* e que abusa de sua simplicidade, se não é joguete de sua velhacaria.

Deprehende-se mais que um Norte-Americano se quer servir desse feliz Chileno para *promover* o *plano de abrir* a navegação do Amazonas, e para *impedir* o triumpho da politica, por elles denominada exclusiva do Brasil.

O Chileno informa ao Norte-Americano que o presidente de Bolivia, sobre quem inculca ter influencia, nutre *favoraveis disposições* para com os subditos dos Estados-Unidos, e que não hesitará em conceder-lhes privilegios. Pinta depois um quadro das riquezas do paiz, onde figurão a prata, o ouro, diamantes e outras pedras preciosas, e *talvez algumas ainda desconhecidas aos lapidarios!*

O Americano, que não conhece outro algum individuo com quem se possa entender a respeito da navegação do Amazonas, e que pensa que *não ha tempo a perder,* não duvida aproveitar-se do Chileno, que é *homem habil, e que tem influencia sobre o presidente de Bolivia.* Propõe ao Chileno que *escreva* ao presidente, e que o *persuada* a declarar dous sitios nas margens de affluentes amazonios, portos de entrada para o commercio estrangeiro.

O habil Chileno *abraça logo esta idéa, que é muito luminosa,* e escreve ao presidente; assegurando ao Americano que o mesmo presidente já *declarára* não pretender fazer concessões aos Brasileiros, e que « não ha povo para elle como os Norte-Ame-
« ricanos, porque hão de trazer á Bolivia riqueza,
« força e civilisação. »

Tudo isto parece um sonho. Pois é crivel que um estrangeiro tenha tamanha influencia sobre o presidente da Republica de Bolivia? E' crivel que se tal homem houvesse, fosse elle entender-se com um subdito dos Estados-Unidos, quando podia prestar importantes serviços á diplomacia norte-americana? E' crivel que o presidente de Bolivia se deixe levar pelos conselhos de um Chileno, que alardêa de influencia sobre seu espirito?

Se tudo isto não é uma fabula, parece-nos que podemos aventurar que o presidente de Bolivia não ha de ler com muito prazer semelhantes revelações. Se tudo porém é mero invento, está o mesmo presidente de Bolivia dispensado de agradecer ao Sr. Maury os elogios que lhe tece, quando assim o expõe a ser considerado de um modo tão desvantajoso.

Qual é, já não fallamos em monarchas ou em chefes de republicas, qual é o ministro que não se revoltaria vendo-se exposto a ser olhado como joguete de um esperto, que talvez negoceia, que talvez abusa de relações e de estima que não merece? Qual é o ministro que supportaria a sangue-frio a pécha de ser dominado por influencia estrangeira? E entretanto o Sr Maury, publicando imprudentemente uma carta que tem o caracter de reservada, que devia ficar em segredo, ainda que tudo fosse verdade, expõe o chefe da republica boliviana a ser considerado como que dirigido por um Chileno, por um homem estrangeiro em Bolivia, e estrangeiro que entra nas vistas, nos interesses, nos planos e nos manejos de outro estrangeiro.

Allegão-se serviços, ostenta-se influencia n'um paiz onde se é estrangeiro, sem poupar-se o nome e a reputação daquelles com quem se trata, e diz-se com reticencias « este Dom.... é por certo um ho-
« mem habil.... Sem dar implicito credito ao que
« elle diz, resolvi-me a aproveitar-me da influen-
« cia que exerce sobre o presidente de Bolivia.—
« Estou certo que o governo de Bolivia ha de de-
« clarar os dous mencionados logares, Garaios e
« Exaltação, portos de entrada para o commercio
« estrangeiro.

Perguntaremos agora aos homens imparciaes de todos os paizes:—São licitos estes manejos? Ha nes-

te procedimento aquelle gráo de moralidade, sem o qual a historia condemna tudo quanto se emprehende em favor de um paiz, embora os resultados tragão vantagens, proveito, ou gloria? Podem os interesses do christianismo, da civilisação e da humanidade ganhar com o emprego de medidas que repugnão aos principios do justo e do honesto?

CAPITULO VI E ULTIMO.

O imperio do Brasil é das nações da America do Sul a que tem na bacia do Amazonas maior somma de linhas navegaveis a vapor, e mais vasto territorio para cultura. — A republica do Perú é depois do Brasil a nação a quem mais interessa o estabelecimento da navegação a vapor nas aguas amazonias. — Bolivia não póde esperar vantagens da navegação pelo Amazonas. — Marcha do commercio em Nova Granada e Venezuela para o mar das Antilhas. — Estradas dos Incas. — Praças commerciaes dos antigos dominios hespanhóes. — Não é da exhauribilidade das aguas de um rio que os Estados derivão o direito de impedir que nelle navéguem barcos estrangeiros. — Perigo de claudicarem os direitos do Brasil pelo *não uso*. — Exclusivismo do Brasil. — Politica externa. — O dictador Francia. — O Japão. — Sinceridade do fervor do Sr. Maury pelo christianismo. — Conclusão.

O Amazonas e seus innumeraveis tributarios caminhão por terrenos do imperio do Brasil e das republicas de Venezuela, Nova Granada, Equador, Perú e Bolivia. A projecção desses rios n'uma carta geographica é semelhante á de uma vigorosa arvore multi-caule despida de folhas, cujos ramos se dirigem na infinidade de sentidos que lhes permitte a liberdade do espaço. Nas regiões mais afastadas do tronco as ramificações são mais numerosas, mas tambem são, como na arvore, menores em espessura e largura.

Ora, o tronco ou o maximo leito fluvial do Amazonas é brasileiro: são brasileiros os mais importantes affluentes, como o Xingú, o Tapajoz, o Madeira, o Rio-Negro e o Trombetas. Deixamos de mencionar o Tocantins, porque este rio não é, rigorosamente fallando, tributario do Amazonas. As nascentes do Xingú, do Tapajoz e do Trombetas se achão todas dentro do territorio brasileiro: apenas o Madeira tem affluentes em Bolivia, e o Rio-Negro em Nova Granada e Venezuela. O Amazonas ou Maranhão prolongamente quasi rectilineo do

tronco, desce do Perú, e é engrossado por copiosos tributarios, como o Napo e o Pultomayo, pertencentes á Republica do Equador.

Se avaliarmos os volumes das aguas amazonias que se deslizão pelo territorio brasileiro, e os compararmos aos das que atravessão as cinco republicas hispano-americanas, teremos que a massa brazileira é maior que as outras todas reunidas. Em outros termos, se se sommarem as leguas de rios navegaveis a vapor, encravadas nas terras do Imperio, essa somma será maior que a de todos os diversos ramaes navegaveis das republicas vizinhas, ainda que reunidos. Semelhantemente se avaliarmos as áreas da bacia do Amazonas, comprehendidas as de todos os seus affluentes, facilmente se reconhecerá que a área brasileira é, pelo menos, igual á reunião das que pertencem a Bolivia, ao Perú, á Republica do Equador, a Nova Granada e a Venezuela. Só a parte que fica na margem esquerda do Amazonas, e de seu prolongamento quasi rectilineo, só essa parte, que é limitada a léste pelo oceano, e ao norte pela divisa com as Guyanas e com Venezuela e Nova Granada, é tão vasta como a França, e maior que a Georgia, as duas Carolinas, a Virginia e a Pensylvania reunidas, ou maior que as áreas amazonias das tres republicas que demorão mais a norte. Qualquer que seja pois o interesse que possão ter as cinco republicas hispano-americanas no estabelecimento da navegação a vapor, e de um commercio activo pelo Amazonas, esse interesse não iguala ao que tem o Imperio.

Bolivia não póde esperar fundadamente que entre pelo Amazonas a prosperidade, a riqueza, a força, que lhe deve dar o desenvolvimento de seus recursos, porque a isso não se presta a navegação do Madeira, como temos demonstrado no capitulo antecedente. Bolivia, assim como a provincia brasileira de Matto-Grosso, tem tudo a esperar da navegação do Paraguay, mas não da do Amazonas, por isso que as regiões superiores do Tapajoz e do Madeira são ricas de embaraços que impedem o passo ás barcas de vapor.

Venezuela tem cidades e magnificos portos no mar das Antilhas: seu commercio para ahi se dirige: o territorio que pertence á bacia do Amazonas é deserto.

Nova-Granada tem do mesmo modo cidades e portos no oceano. O mar está muito mais proximo de qualquer ponto nos limites austraes da Republica do que a foz do Amazonas.

Os antigos Peruanos havião construido famosas estradas, das quaes umas atravessavão a planicie arida comprehendida entre o litoral do Pacifico e a cadêa dos Andes, outras erão dirigidas no sentido das cordilheiras: todas ellas convergião em Cusco, ponto central ou séde do grande imperio dos Incas. Os conquistadores, especialmente Francisco Pizarro e Diogo Almagro, servirão-se com vantagem de semelhantes estradas, sem embargo dos obstaculos que oppunhão á marcha da cavallaria hespanhola as escadarias praticadas no solo.

Posteriormente o transporte dos thesouros arrancados aos indigenas, e o dos productos das minas, bem como o das colheitas da casca de cinchona, determinárão os Hespanhóes a estabelecer toda a sua communicação com a Europa, ou pelo litoral do Pacifico, ou pelo mar das Antilhas. No começo do seculo corrente os portos de Lima e de Guayaquil no Pacifico, e os de Cartagena, Guayra, Cumana, Santa Martha, e Porto Bello no mar das Antilhas, erão aquelles que havião alcançado maior importancia commercial nos dominios hespanhóes, feita excepção de Vera Cruz, Havana e Buenos-Ayres. Difficil seria hoje mudar a direcção que depois de seculos tem tomado a corrente do commercio e da agricultura naquella parte dos antigos dominios hespanhóes que é hoje territorio de Venezuela e de Nova Granada.

As republicas do Equador e do Perú estão em circumstancias diversas: são os paizes a quem mais de perto interessa a introducção de vapores nas aguas amazonias, porque tem nesta bacia grandes povoações como Cusco e Quito, e dispõe da navigabilidade do Ucayali, do Napo, do Pultomayo e de outros importantes affluentes do grande rio: e comtudo se por ventura se estabelecer a communicação do mar Pacifico para o oceano atlantico pelos golfos de Panamá e de Darien, decrescerá para a republica do Equador a necessidade de aproveitar as linhas fluviaes da bacia amazonia.

E' pois o Perú, depois do Brasil, a nação que mais vantagens póde tirar do commercio e navegação pelo Amazonas, e que tem maior necessidade de servir-se delle, já porque dispõe de maiores e mais navegaveis linhas fluviaes, já porque não tem melhores meios de chegar ao oceano atlantico, ao contrario do que acontece á Bolivia, senhora de bellos affluentes do Paraguay, e a Nova Granada e Venezuela, que possuem no mar das Antilhas cidades commerciaes, bellos golfos e ancoradouros.

Das considerações precedentes decorre sem duvida uma consequencia, e é que o phenomeno ob-

servado de terem sido o Brasil e o Perú as duas primeiras nações que se entendêrão ácerca da navegação pela mutua fronteira e rios, e que effectivamente introduzirão vapores nas aguas do Amazonas, sem embargo das prophecias em contrario do Sr. Maury, é um phenomeno que se explica facilmente pelo maior grão de interesse que actua sobre os animos dos subditos brasileiros e dos subditos peruanos. Nem era preciso procurar em motivos menos nobres, em aspirações reprovaveis, em pretenções egoisticas e condemnaveis, taes como *a missão de frustrar quaesquer tentativas de tratado que as nações commerciaes quizessem fazer com as republicas hispano-americanas, e a empreza de fechar mais apertadamente que nunca as grandes arterias de commercio, e perpetuar por este modo a estagnação e morte que por espaço de trezentos annos tem reinado na grande bacia fluvial do Amazonas;* nem era preciso, dizemos, procurar em taes pretenções as causas desse acontecimento.

Já fizemos ver que o Imperio não tem n'outra parte rios navegaveis a vapor em tão grande escala, como na bacia do Amazonas; e que nesta nenhuma das linhas fluviaes se estende tão longamente como a que aproveita ás duas provincias brasileiras do Pará e do Alto-Amazonas, ao mesmo tempo que se prolonga até o centro do territorio peruano. Já fizemos ver que as linhas do Tapajoz e do Madeira cessão de offerecer navegação a vapores ainda longe da capital e das povoações de Matto-Grosso; e que o Tocantins, que não sendo tributario do Amazonas póde indifferentemente nesta questão ser considerado como tal, não é navegavel a vapor senão em pequena parte de seu possante e magestoso curso. Razões de sobra assistem pois ao Brasil para ter dado a preferencia á linha do Amazonas, que se prolonga até o coração da republica do Perú; assim como nenhuma razão assiste ao Sr. F. Maury para considerar o Brasil umas vezes como mero possuidor da foz do Amazonas, outras vezes como embaraço á prosperidade das republicas que teem affluentes amazonios.

Resta-nos examinar se com effeito o imperio do Brasil, não permittindo que se navegue no Amazonas como no Oceano Atlantico, incorre justamente na censura e na qualificação de inimigos da prosperidade dos povos vizinhos, da civilisação, e até do christianismo! Entraremos neste exame, não soccorrendo-nos das doutrinas dos publicistas, que todas são favoraveis á causa do Brasil, mas insistindo no genero de considerações que temos desenvolvido, e na refutação das asserções menos fundadas do Sr. Maury.

Diz elle: « A questão relativa ao livre uso da « navegação de um rio que corre pelos dominios « de mais de um paiz, é familiar aos homens poli- « ticos. Já foi ha muito resolvida, segundo os eter- « nos principios do direito, e não póde ser agora « objecto de disputa. »

Pois bem: a questão está resolvida, e não póde ser objecto de disputa. Mas de que modo, em que sentido foi resolvida? E' o que não dizeis. Decidiu-se por ventura que quando um rio corre pelos dominios de mais de um Estado, podem os subditos de qualquer outro Estado não ribeirinho penetrar por taes rios, e ir a um desses Estados assegurar para si a navegação e o commercio, e solicitar privilegios, como se vê que se tem emprehendido em Bolivia? Decidiu-se por ventura que podem entrar quaesquer mercadorias para os Estados das regiões superiores, e sob esse pretexto, livres de direitos, para depois penetrarem nos paizes da foz por contrabando?

Na Europa a navegação do Rheno, como o Sr. Maury sabe, é concedida como um direito commum a todos aquelles a quem pertencem as suas aguas. Mas entra-se no Rheno, como se se navegasse no mar do norte?

Seria um engano grosseiro acreditar-se que o Sr. Maury aceita o que se acha estabelecido entre as nações cultas, a respeito da navegação dos rios. O escriptor norte-americano procura arrimar-se a uma outra theoria, e diz: « O ar livre dos céos e « as jucundas aguas da terra forão postas neste « mundo pelo Todo-Poderoso para uso e recreio « do genero humano: o ar e a agua, que se usão « sem nunca exhaurir-se, são uma propriedade « commum de todos os homens. »

Ora, emquanto se não demonstra que o communismo sem restricções é a melhor lei das sociedades, a mais conducente á felicidade da especie humana; emquanto se não admitte esse principio nos Estados civilisados, que aliás o repellem horrorisados, é forçoso concordar em que a medida dos interesses e dos deveres, conciliados entre si, deve ser para os Estados, como para os individuos, a medida dos direitos. Se se pudesse invocar o principio da inexauribilidade das aguas dos rios para dahi deduzir que as nações por cujo territorio passão não teem o direito de impedir o seu uso, ou de concedê-lo mediante certas restricções, nada obstaria a que se exigisse o mesmo dos portos, das enseadas e

das costas. A navegação do Rheno seria franca não só aos que são senhores de aguas que nelle affluem, como a quaesquer outras nações. Não é pois da exauribilidade das aguas que dimana o direito dos Estados sobre o uso dos rios que nascem e correm nos terrenos por elles occupados, assim como não é dessa qualidade que lhes resulta o direito de guardar seus portos e os mares de suas costas.

A questão está resolvida; e qualquer que seja a opinião individual do Sr. Maury, é certo que o Brasil e as cinco republicas da bacia do Amazonas são os unicos soberanos competentes para ajustar, para estipular sobre a navegação de seus rios; e que para felicidade dos respectivos subditos, devem fazê-lo de commum accordo.

Duvidar deste direito, sustentar ou pretender que os direitos do Brasil estão em perigo de claudicar pelo *não uso*, sómente pelo facto de não ser livre aos Norte-Americanos penetrar no Amazonas, como no Oceano Atlantico, é querer estabelecer uma jurisprudencia nova, não conhecida, não aceita pelas nações cultas da Europa e pelos mais seguidos escriptores de direito internacional. Demais, se os direitos do Brasil, como diz o Sr. Maury, correm perigo de claudicar pelo *não uso*, é certo que existem: e existindo, a questão é indagar se se realiza o *não uso*.

De facto não está o valle do Amazonas tão povado e cultivado nos trinta e dous annos que temos de existencia como nação; nem ali tem crescido a população, nem se tem desenvolvido e utilisado os recursos do paiz em tamanha escala, como seria possivel, se ha mais tempo se tivesse introduzido um commercio activo e a navegação a vapor. Mas esse pequeno resultado, quando não fosse uma consequencia necessaria das difficuldades com que temos lutado, daria azo a que em nossas camaras os oradores da opposição aggredissem as administrações. Em caso algum se poderia dahi derivar para os Estados-Unidos ou para qualquer outra nação o direito de nos suscitar embaraços, e muito menos o de occupar aquelle paiz, cultiva-lo e colonisa-lo.

O Imperio do Brasil não tem prosperado tão rapido e sensivelmente como os Estados-Unidos, graças á desproporção dos meios de que começou a dispor cada uma destas nações, a datar de sua emancipação. Uma de nossas maiores necessidades é a da emigração espontanea, e todo o mundo sabe quanto ha custado a começar essa corrente benefica. Ainda ha pouco se empregavão na Europa esforços e medidas de todo o genero, sem exclusão da calumnia, para se desviarem de nossos portos os colonos allemães; e o Sr. Maury, inculcando-nos como inimigos da civilisação e do christianismo, tende por certo a desconceituar-nos. A outra necessidade é o estabelecimento da navegação a vapor nos nossos rios que a admittem; mas o Sr. Maury, que se ostenta como enthusiasta dessa navegação, que falla com elogio de Bolivia, porque prometteu dez contos de réis a quem introduzisse nos seus rios tributarios do Prata a primeira barca de vapor, e porque prometteu 20 milhas de suas melhores terras em feudo simples a quem levasse ao cabo essa empreza; o Sr. Maury, que, segundo somos informado, solicitou e conseguiu da republica do Equador um privilegio para a navegação do Napo, qualifica de *monopolio odioso* o contrato celebrado com o cidadão brasileiro Ireneu Evangelista de Souza!

Sem embargo destas e de outras inesperadas e injustas contrariedades, temos avançado em riqueza, em credito, em civilisação, assim nos reputão os homens esclarecidos nas nações do occidente europeu. Ora, é indubitavel que dessa riqueza, força e civilisação que já apresenta o imperio, tem uma boa parte o valle do Amazonas; e que portanto não se realiza o pretendido *não uso*. Mas o Sr. Maury, ou porque se veja contrariado no seu projecto de navegação do Napo, ou porque busca popularisar-se como o apostolo de uma cruzada commercial, ou porque effectivamente não acredita na claudicação de nossos direitos pelo *não uso*, vinga-se em denominar-nos mais exclusivos que o Japão, inimigos do christianismo; e procura demonstrar que, não obstante esse nosso exclusivismo, demos entrada aos subditos Norte-Americanos no Amazonas, quando procedemos com o Perú a ajustes a que erradamente chama — Tratado de commercio e navegação fluvial.

Examinemos primeiramente os fundamentos desta nova pretenção.

Os ajustes que fizemos com o Perú, e que constão da convenção celebrada em Lima pelo nosso digno e habil diplomata o Sr. conselheiro Duarte da Ponte Ribeiro, e ratificada e confirmada no Rio de Janeiro a 18 de março de 1852, estão no dominio do publico, não são tratados secretos; e longe de serem um laço que o Brasil procurou armar, e em que o Perú cahisse, offerecem uma das mais concludentes provas de nosso desinteresse, da benevolencia e da generosidade da politica brasileira para com as republicas vizinhas, politica sempre digna

de louvor, e que produziu os mais bellos e gloriosos resultados sob a direcção de nosso insigne estadista, o Sr. conselheiro Paulino José Soares de Souza.

Enganou-se o Sr. Maury quando pretendeu que com taes ajustes tivessemos em vista lograr a republica do Perú: já o demonstrámos longamente em dous dos antecedentes capitulos Engana-se mais ainda quando pretende que com taes ajustes adquirirão seus concidadãos os mesmos direitos que os Brasileiros.

O Brasil e o Perú *ajustárão* n'uma convenção especial os principios e o modo de fazer um ensaio em que melhor se conhecesse, sob que bases e condições deverá o commercio e navegação pela *mutua fronteira e rios* ser estipulado definitivamente.

Os dous soberanos convierão em que os productos e embarcações que passassem do Brasil ao Perú, e do Perú ao Brasil, fossem isentos de todo e qualquer direito, imposto ou alcavala a que não estivessem sujeitos iguaes productos do proprio territorio, com os quaes ficárão em tudo igualados.

Ainda mais: concordárão em auxiliar com uma consignação pecuniaria, durante cinco annos, a primeira empreza (que se estabelecesse) de navegação a vapor, porque reconhecêrão *que nos primeiros annos nenhuma utilidade poderia dar aos emprezarios a navegação desde a foz do Amazonas até o litoral peruano*, a qual deve pertencer (formaes palavras do art. 2º) exclusivamente aos respectivos estados ribeirinhos.

Ora, esta convenção será por ventura um desses tratados de navegação e commercio, cujos favores podem ser concedidos por novos tratados a outras nações? Não é claramente um ajuste que sómente póde ter logar entre duas nações vizinhas, que teem rios communs, e cuja navegação lhes pertence exclusivamente? Qual é a linha divisoria entre os Estados-Unidos e o Perú? Quaes são os rios que passão de um destes Estados ao territorio do outro, para que se possa dizer que ha navegação e commercio pela *mutua fronteira e rios*?

E' verdade que o Sr. Herndon, de cujo relatorio o Sr. Maury extrahiu paginas que teem todo o direito a figurar n'algum romance saturado de hyberboles, confessa que sua fantasia despertada, e estimulada pelos objectos que o rodeavão na presença do lago Lauricocha, transformára uma pequena folha lançada n'agua em baixel tripolado por fadas, e encarregado de uma missão de paz e de boa vontade da parte do rei dos rios, ao pai das aguas: é verdade que a fantasia do Sr. Herndon, como elle mesmo confessa, mostrou-lhe essa folhinha convertida em baixel, conduzindo novas de commercio e navegação, de cultura e de civilisação, de liberdade religiosa e politica, e talvez encontrando no passo da Florida espiritos enviados pelas Nayades do lago Itaska, com saudações ao Morococha. (Lauricocha).

E' tambem verdade que, segundo este mesmo Sr. Herndon, é preciso desviar para os Estados-Unidos a copiosa corrente de prata que ora se encaminha para o Pacifico; e que será isso necessario para equilibrar a immensa quantidade de ouro da California e da Australia com que, diz elle, estão os Norte-Americanos em vesperas de ser inundados. (!!)

E' finalmente verdade que, segundo o Sr. Maury e seu concidadão Herndon, existe entre as aguas do Mississipi e as do Amazonas *intima connexão physica*. (!!!)

Mas tudo isto não passa de effeitos da imaginação, tudo isto é mera poesia, e poesia sem verdadeira belleza. A connexão physica que existe entre o Amazonas e o Mississipi é a mesma que existe entre o Sena e o Tornea, ou entre o Danubio e o Tejo. Uma linha mathematica divide os territorios do Brasil e do Perú: entre o Perú e os Estados-Unidos ha terrenos mais vastos que alguns dos mais importantes reinos da Europa. Qual é pois a circumstancia que colloca os Estados-Unidos para com o Perú na mesma relação em que está o Brasil, de modo que se possa celebrar entre aquelles dous Estados uma convenção ácerca da navegação e commercio pela *mutua fronteira e rios?*

Demais, se os favores que o Perú faz ao Brasil pudessem ser estensivos aos subditos Norte-Americanos, tambem devião ser concedidos aos mesmos Americanos os favores que o Brasil concede em virtude da convenção aos subditos peruanos. Mas isto é possivel? Não, e não, porque desse modo teriamos de admittir, isentas de qualquer direito ou imposto, as mercadorias americanas; deveriamos conceder igual favor á Inglaterra e á França, e desde logo serião desnecessarias nossas alfandegas; e finalmente desappareceria uma das principaes fontes de renda geral. Por consequencia, se não podemos conceder aos Americanos do Norte as mesmissimas isenções que concedemos aos subditos peruanos que navegarem pela mutua fronteira e rios, tambem o Perú não póde conceder aos subditos Norte-Americanos aquillo que concede aos

do Brasil que navegarem pela mutua fronteira e rios.

E' tanto assim restringido o favor aos navegantes pela mutua fronteira e rios, que se por ventura entrar na barra do Pará um navio peruano sahido de Lima, e que tenha navegado pelo Pacifico e pelo Oceano Atlantico, esse navio não será favorecido com a isenção de direitos ou impostos ; e reciprocamente os navios brasileiros que forem á costa occidental do Perú não terão os mesmos favores que os barcos da navegação fluvial pelo Amazonas e seus tributarios peruanos.

Será isto exclusivismo, ou motivo fundado para queixas ? Seguramente não, assim como não o é na Europa o Zolwerin.

Será por este procedimento que o Sr. Maury diz que seguimos a politica do Dr. Francia, e que somos mais exclusivos que o Japão ?

Desde 1822, época de nossa emancipação, começámos a entreter e a estreitar as mais amigaveis relações com os paizes cultos do velho e do novo mundo. Temos em nossa capital o mais brilhante corpo diplomatico ; temos agentes consulares estrangeiros nas nossas praças commerciaes. Com as republicas de lingua hespanhola nossa politica tem sido credora dos mais imparciaes elogios. Fomos a primeira nação que reconheceu a independencia do Paraguay : sustentámos com nosso dinheiro e com nosso sangue a independencia do Estado Oriental do Uruguay, e depois da batalha de Monte-Caseros não teem cessado nossos esforços a bem da paz e da prosperidade da republica vizinha. A troco disto não queremos um palmo de territorio alheio, e só buscamos estreitar com nossos vizinhos as relações de paz e de amizade.

Procedeu assim o dictador do Paraguay ?

Procede assim o Japão ?

Quanto a esse interesse pela causa do Christianismo, permitta o Sr. Maury que o não reputemos o movel de suas aggressões, assim como ninguem acreditará que é essa a causa que esposou o autocrata das Russias.

Basta.

A' vista de tudo quanto temos dito julgamos ter deixado a descoberto a injustiça e o máo querer do Sr. Maury. Mas confiando na justiça de Deus e na illustração do seculo, esperamos que *a paz com suas bençãos, o commercio com sua influencia, a sciencia com suas luzes, e a diplomacia com sua habilidade,* hão de tornar impotente esse máo querer, de modo que não exerça a mais pequena influencia sobre as relações de amizade e de commercio que felizmente ligão nossa patria aos Estados-Unidos da America do Norte.

CORRIGENDA.

PAGINAS.	COLUMNAS.	LINHAS.	ERROS	EMENDAS.
6.ª	2.ª	1.ª	rabalhos de nossa diplomacia . . .	trabalhos de nossa diplomacia, etc.
7.ª	1.ª	3.ª	dóde admittir	póde admittir
7.ª	1.ª	20.ª	é devido	é devida.
8.ª	1.ª	6.ª	Diverso é o curso	diverso é o caso
8.ª	2.ª	1.ª	convertidas	convertida
12.ª	2.ª	9.ª	especies, inconvenientes	especies inconvenientes
14.ª	2.ª	36.ª	das allegações	das alagações
15.ª	1.ª	17.ª	os delphins brincão tão indolentes, que	os delphins brincão; tão indolentes que etc.
17.ª	1.ª	38.ª	embargadas	embarcadas
18.ª	2.ª	34.ª	convencidos	convencido
19.ª	1.ª	38.ª	riacho Aurola	riacho Amola
21.ª	2.ª	46.ª	profundade	profundidade
23.ª	2.ª	17.ª	accidentaes	occidentaes
27.ª	2.ª	27.ª	pela volta do rio	pelas voltas do rio
28.ª	1.ª	2.ª	do café e outros fossem	do café [illegible] fossem etc.
29.ª	1.ª	5.ª	2000 por arroba	2$000 por arroba
47.ª	1.ª	46.ª	de inimigos	de inimigo
48.ª	2.ª	21.ª	em civilisação, assim nos reputão. .	em civilisação; assim nos reputão
Em diversos logares			navigabilidade	navegabilidade.

AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO

Comunicado

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas e da região Norte. O uso deste documento é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais – Lei n. 9.610/98.

Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõe a rede de Bibliotecas Públicas do Estado do Amazonas.

Contato

E-mail : acervodigitalsec@gmail.com

Av. Sete de Setembro, 1546 - Centro
69005.141 Manaus - Amazonas - Brasil
Tel.: 55 (92) 3131-2450
www.cultura.am.gov.br

Secretaria de
Cultura